

---

## PRIMEIRO A CRISE, DEPOIS A CATÁSTROFE

Se os líderes do G20, o FMI e o Banco Mundial não agirem imediatamente, as crises de inflação, desigualdade e Covid-19 podem levar mais de 250 milhões de pessoas à extrema pobreza em 2022

---

### Resumo

As crises de desigualdades extremas, da inflação sem precedentes que atinge o preço dos alimentos e energia, potencializada pela guerra na Ucrânia, e da Covid-19 estão convergindo em uma situação catastrófica para a população mais pobre de todo o mundo.

Novas estimativas da Oxfam, fundamentadas em projeções do Banco Mundial e pesquisas anteriores conduzidas pela mesma instituição e pelo *Center for Global Development*, sobre altas súbitas nos preços dos alimentos, mostram que mais de 250 milhões de pessoas podem cair na extrema pobreza em 2022 (1). A junção do impacto da Covid-19, das desigualdades e do aumento do preço dos alimentos pode levar 263 milhões de pessoas a *mais* à extrema pobreza este ano. Com isso, um total de 860 milhões terá uma renda de US\$ 1,90 por dia, ou seja, abaixo da linha da extrema pobreza. Se tal previsão se concretizar, o aumento será extremamente prejudicial, revertendo décadas de avanço na luta contra a pobreza.

Essas diversas crises atingem um mundo que já é profundamente desigual, e ainda mais devastado pela pandemia da Covid-19(2). Já se projeta que 3,3 bilhões de pessoas vivam abaixo da linha da pobreza - US\$ 5,50 por dia em 2022(3), quase a metade de toda a humanidade.

Agora, os cidadãos comuns, muitos dos quais enfrentaram dificuldades durante a pandemia, agora têm de lidar com altas súbitas no preço dos alimentos, que atingiram um recorde histórico, superando a crise alimentar de 2011(4). Enquanto isso, a riqueza bilionária aumentou como nunca (5). As grandes corporações parecem estar explorando um ambiente inflacionário para aumentar os lucros às custas dos consumidores: o preço exorbitante da energia(6) fez as petrolíferas registrarem níveis recordes de lucro(7), enquanto investidores esperam que empresas agrícolas se tornem rapidamente mais lucrativas à medida que o preço dos alimentos também dispara(8). Além disso, os países de baixa renda – cuja maior parte das reservas estrangeiras se esgotou por conta da resposta à Covid-19 e do serviço da dívida – dependem de alguns poucos países exportadores de grãos(9). O que vemos é a total exposição da fragilidade e das desigualdades dos sistemas globais alimentares e energéticos.

É assustador ver a inflação se tornar altamente instável e subir mais rapidamente do que os salários, cujo poder de compra se encontra defasado no mundo todo, afinal. Há real preocupação de que a inflação supere, em muito, o aumento dos salários em 2022, o que resultará em uma redução salarial real. Milhões de famílias são agora obrigadas a fazer escolhas impossíveis: alimentar seus filhos, mandá-los para a escola ou tratá-los de doenças, por exemplo. A alta no preço dos alimentos se junta a desastres e conflitos climáticos para exacerbar duramente a já existente e devastadora crise da fome em partes do Oriente Médio, África Oriental e Ocidental.



**OXFAM**

[www.oxfam.org](http://www.oxfam.org)

Esta crise está longe de ser igualitária. É claro que todos são impactados de alguma forma, mas os mais pobres são os mais atingidos. O FMI estima que os alimentos representem 40% dos gastos do consumidor na África Subsaariana, mais do que o dobro do registrado nas economias avançadas(10), nas quais, contudo, também há uma profunda desigualdade: os 20% mais pobres gastam quatro vezes mais do que os 20% mais ricos em alimentos, como é o caso nos EUA(11). Os impactos de longo prazo da falta de nutrição podem piorar permanentemente a vida dos mais pobres(12). Além disso, mulheres e meninas sentem a crise de maneira desproporcional, pois geralmente são as últimas a comer, as primeiras a serem excluídas da escola que não podem pagar e cujo trabalho não remunerado, o do cuidado, é o amortecedor da crise.

Assim como os indivíduos mais pobres sofrem mais as consequências dessa crise múltipla, as nações mais pobres, que já enfrentavam pressões do ponto de vista fiscal, também estão sendo levadas à pobreza, ainda mais profunda e duradoura. Os países em desenvolvimento, cujo nível de endividamento é historicamente alto(13), saíram ainda mais prejudicados por conta dos gastos que tiveram com a resposta à pandemia e a recessão que a seguiu. É evidente que tal situação foi parcialmente impulsionada pela extrema desigualdade no acesso a vacinas, pois as nações ricas as acumularam e, ao mesmo tempo, negaram aos países em desenvolvimento o direito de produzi-las(14).

Estima-se que o serviço da dívida dos países mais pobres totalize US\$ 43 bilhões em 2022(15) – o equivalente a quase metade dos seus gastos com importação de alimentos e saúde pública juntos (16). Em 2021, a dívida representou 171% do total gasto pelos países de baixa renda com saúde, educação e proteção social (17). As instituições financeiras internacionais emprestaram dinheiro; o G20 ofereceu uma suspensão parcial do pagamento da dívida bilateral; e o FMI fez uma emissão tardia de US\$ 650 bilhões em SDRs (sigla em inglês para Direitos Especiais de Saque) – tudo isso contribuiu um pouco para atenuar o duro impacto econômico da pandemia, mas está longe de ser suficiente.

A volta dramática da inflação, que levou o *Federal Reserve* dos EUA a aumentar o custo dos empréstimos(18), assim como a guerra na Ucrânia, que elevou o valor do dólar, configuram uma verdadeira receita de turbulência financeira para países de baixa renda, que precisam dele para importar gás, medicamentos e alimentos, e cuja moeda de dívida é também, em grande parte, o dólar. Vários países em desenvolvimento provavelmente deixarão de pagar sua dívida nos próximos meses, enquanto tentam evitar a bancarrota e continuar importando o essencial. Tal cenário pode resultar em uma drástica diminuição de gastos no mundo todo, agravando o já perigoso rumo à austeridade que alguns países começavam a trilhar com o apoio do FMI(19). Algumas das ferramentas mais eficazes para reduzir as desigualdades – serviços públicos como acesso universal à saúde(20), educação e proteção social(21) – correm o risco de ser cortadas, o que teria um impacto desproporcional nos mais pobres, nas mulheres e nos grupos racializados. A UNCTAD alertou que a restrição de políticas adotada nos países ricos e impulsionada pela inflação e pela guerra na Ucrânia provavelmente resultará na desvalorização repentina da moeda de muitos países em desenvolvimento, levando à recessão e à insolvência(22).

Embora a pandemia da Covid-19 tenha mergulhado pessoas e países ao redor do mundo em uma crise econômica, tais efeitos, combinados aos da crise na Ucrânia, mostram que agora corremos o risco de estar caminhando rumo a uma catástrofe, que, contudo, pode ser evitada por meio de ações internacionais e nacionais corajosas e coordenadas.

Necessitamos de um plano urgente de resgate econômico para corrigir os erros da resposta à Covid-19 dada até agora pelas nações ricas e evitar uma catástrofe que trará pobreza e sofrimento generalizado como nunca visto antes. A maior responsabilidade recai sobre os líderes das nações mais ricas que se reúnem no G20, juntamente com o FMI e o Banco Mundial, em Washington DC em abril de 2022. A Oxfam insta com os líderes do G20, o FMI e o Banco Mundial, e com todos os demais líderes, a:

### 1. Proteger os mais pobres dos prejuízos causados pela inflação

Atendendo às demandas extraordinárias dos tempos atuais, os governos devem buscar **controlar diretamente os preços dos alimentos e da energia** – inclusive por meio de redução permanente nos impostos sobre valor agregado (IVA) e impostos sobre vendas de produtos alimentícios básicos, com a garantia e assessoria do FMI, que também deve deixar de determinar que governos expandam o IVA; fornecer subsídios limitados e/ou temporários cuidadosamente planejados sobre produtos alimentícios básicos, através da expansão dos programas de alimentação escolar, por exemplo; evitar proibições de exportação e controlar os mercados, inclusive aumentando a transparência e evitando a especulação financeira excessiva. Tais ações devem ser acompanhadas de uma série de medidas que incluem **a ampliação das transferências de renda para fornecer apoio e a essencial indexação automática das transferências de renda e salários à inflação em intervalos curtos**. Além disso, nunca foi tão urgente a criação de um **Fundo Global para Proteção Social** para países de baixa renda(23)

### 2. Perdoar as dívidas impagáveis dos países mais pobres

As duas principais iniciativas impulsionadas pela comunidade internacional – a Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (DSSI) e o Quadro Comum – provaram ser amplamente ineficazes. O G20 deve priorizar a agenda da dívida e **cancelar todos os pagamentos da dívida em 2022 e 2023** para todos os países de renda baixa e média-baixa que o solicitarem; **suspender imediatamente o serviço da dívida para os países candidatos ao Quadro Comum** e estabelecer um novo processo de alívio da dívida que corrija seus erros, **garantindo principalmente a participação do setor privado**. Considerando que as instituições multilaterais respondem por cerca de um terço da dívida dos países de renda baixa e média-baixa, **o Banco Mundial e o FMI devem participar de tais esforços**. Ambos devem cancelar os pagamentos da dívida e o FMI deve acabar com as sobretaxas.

### 3. Taxação da riqueza

Os governos devem financiar apoio essencial às pessoas para protegê-las do aumento no preço da energia e dos alimentos, bem como financiar a resposta à Covid-19 e uma recuperação justa, tributação progressiva, investir em serviços públicos universais e rejeitar a austeridade. A Oxfam pede a implantação de **impostos emergenciais de solidariedade ou impostos únicos sobre a riqueza** ou, ainda, aumentos temporários nos impostos sobre ganhos de capital ou impostos de renda de pessoa física sobre rendas altas, com base nas propostas da OCDE e do FMI, e seguindo o recente exemplo bem-sucedido da Argentina. Não há dúvidas de que a tributação permanente da riqueza é necessária para redistribuir recursos e reduzir a desigualdade. **Um imposto patrimonial líquido progressivo** de apenas 2% sobre fortunas acima de US\$ 5 milhões, subindo para 3% sobre fortunas acima de US\$ 50 milhões e 5% sobre fortunas acima de US\$ 1 bilhão poderia gerar US\$ 2,52 trilhões em todo o mundo, arrecadando o suficiente para tirar 2,3 bilhões de pessoas da pobreza e produzir vacinas contra a Covid-19 em quantidade suficiente(24). O FMI deve dar apoio aos países na construção de espaço fiscal de forma progressiva e **deixar de aconselhar ou condicionar medidas de austeridade** que só agravariam a pobreza e as desigualdades.

Agora é a hora de **desvelar fortunas ocultas: inclusive por meio de um registro global de ativos**(25) para divulgar os verdadeiros donos de diferentes ativos, como propriedades, ações, empresas, fundos e outros. E, reconhecendo que a OCDE e a UE propuseram que os governos imponham impostos extraordinários às empresas de energia que obtêm lucros

recordes com os preços exorbitantes atualmente aplicados para dar apoio às pessoas que enfrentam o aumento na conta de luz(26), a Oxfam insta pela **implantação de impostos ambiciosos sobre lucros excedentes visando aos ganhos inesperados de corporações em todos os setores**, como feito após a Segunda Guerra Mundial.

#### 4. Realocar e reemitir Direitos Especiais de Saque

Embora os US\$ 650 bilhões em Direitos Especiais de Saque (SDR) emitidos em agosto de 2021 tenham sido um avanço, o valor foi distribuído conforme cotas, em vez de necessidades, seguindo as regras do FMI. Apesar das promessas do G20 de realocar US\$ 100 bilhões de seus SDRs para países de baixa renda, sete meses depois, apenas US\$ 36 bilhões foram garantidos. **Os países ricos devem realocar pelo menos 25% de seus SDRs para os países em desenvolvimento sem cobrança de dívida ou condições.** O FMI deve garantir que seu novo **Fundo de Resiliência e Sustentabilidade (RST) criado para canalizar SDRs evite condicionalidades** e seja o mais concessional possível. **E as discussões devem se iniciar tratando de uma nova alocação geral de SDRs** para enfrentar essa crise em 2022, considerando que a alocação de US\$ 650 bilhões em SDRs ficou aquém dos US\$ 3 trilhões que a Oxfam e outras pediram em 2020.

#### 5. Aumentar a ajuda emergencial aos países mais pobres, ela salva vidas

Com base em seus compromissos de ajuda atuais, os países ricos e doadores devem fornecer **apoio emergencial imediato aos países de baixa renda**. Apenas 3% dos fundos foram destinados ao apelo de emergência da ONU para aliviar a crise da fome na África Oriental(27), enquanto doadores também não atingiram a estimativa de contribuição à resposta a Covid-19 de quase US\$ 300 bilhões(28). Atender às necessidades na Ucrânia é fundamental e tal ajuda deve ser **acrescentada aos orçamentos existentes**. Além disso, doadores não devem considerar “ajuda” as contribuições que fazem para outros países doadores, por exemplo, para o apoiar refugiados, deslocando assim fundos que são extremamente necessários para responder a desafios em outros lugares.

Em 2022, houve uma convergência de diferentes crises, que podem levar o mundo a uma catástrofe sem precedentes. E os mais afetados serão as bilhões de pessoas ao redor todo o mundo que precisam de ajuda e vivem a um salário da penúria, como taxistas, seguranças, enfermeiras, professores, cozinheiros, faxineiros, operários de fábrica, trabalhadores temporários. Eles não têm poupança e trabalham por salários muito baixos, e vivem tanto em países ricos quanto pobres.

Mas tal cenário pode ser evitado. Durante a crise da Covid-19, vimos que alguns governos conseguiram mobilizar recursos financeiros e, às vezes, a imaginação necessária para evitar os piores impactos enfrentados pela sua população. Nós também, de início, vimos acontecer a tão necessária solidariedade entre as nações, que acabou por ser enfraquecida pelo nacionalismo míope que criou o apartheid vacinal e dividiu o mundo.

O G20, o FMI e o Banco Mundial se reunirão neste abril de 2020. Manter o *status quo* terá consequências - resultará em danos às pessoas em todo o mundo. Em meio a circunstâncias políticas excepcionalmente desafiadoras, é urgente que os líderes assumam a responsabilidade de promover ações que evitem catástrofes para bilhões de pessoas. E, ao fazê-lo, eles têm a chance de mostrar que podemos reescrever as regras da nossa economia para que todos, incluindo que os países mais ricos, as pessoas mais ricas e as corporações desempenhem seu papel e paguem impostos de maneira justa; para que os governos tenham o espaço fiscal necessário e não estejam pagando o serviço de suas dívidas à custa da prestação de serviços públicos universais robustos necessários para a proteção da sua população em todos os momentos, mas especialmente em tempos de crise; para que haja trabalho decente para todos. Dessa forma, estaremos no caminho certo para deter o colapso climático nos poucos anos que ainda temos. É o que precisa ser feito para criar um mundo mais igualitário e devemos começar agora.

# 1. AS CRISES DA INFLAÇÃO SOBRE O PREÇO DOS ALIMENTOS, DA COVID-19 E DAS DESIGUALDADES DEVEM LEVAR A UM AUMENTO PRONUNCIADO DA EXTREMA POBREZA EM 2022

## Estima-se que haja um aumento acentuado na extrema pobreza

A crise da Covid-19 tem sido um dos pontos decisivos na história da desigualdade econômica. A fortuna dos mais ricos disparou, atingindo níveis sem precedentes, enquanto, ao mesmo tempo, os números da pobreza começaram a aumentar drasticamente pela primeira vez em décadas(29).

A crise da Covid-19 também causou um aumento dos preços de alimentos e energia em todo o mundo, criando uma segunda rodada de impactos econômicos negativos sobre a pobreza e a desigualdade. A guerra na Ucrânia e seus efeitos, por sua vez, aceleraram essa tendência. Os preços dos alimentos estão em alta histórica, superando a crise anterior, de 2011(30).

Essas múltiplas crises atingem um mundo profundamente desigual(31). Governos e instituições, como o FMI e o Banco Mundial, protegeram e expandiram ativamente um modelo econômico neoliberal que sistematicamente não atende aos interesses das pessoas comuns. Tal modelo impulsionou a privatização dos serviços públicos, coloca o interesse dos acionistas acima de tudo, leva à degradação ambiental e climática, à especulação e exploração da terra e a uma acelerada queda nos salários e impostos. Além disso, deixou nossas sociedades extremamente vulneráveis a acontecimentos drásticos e crises. Infelizmente, muitos dos nossos líderes vêm permitindo que esse sistema falido corra solto enquanto protegem a riqueza e o lucro dos ricos e poderosos(32).

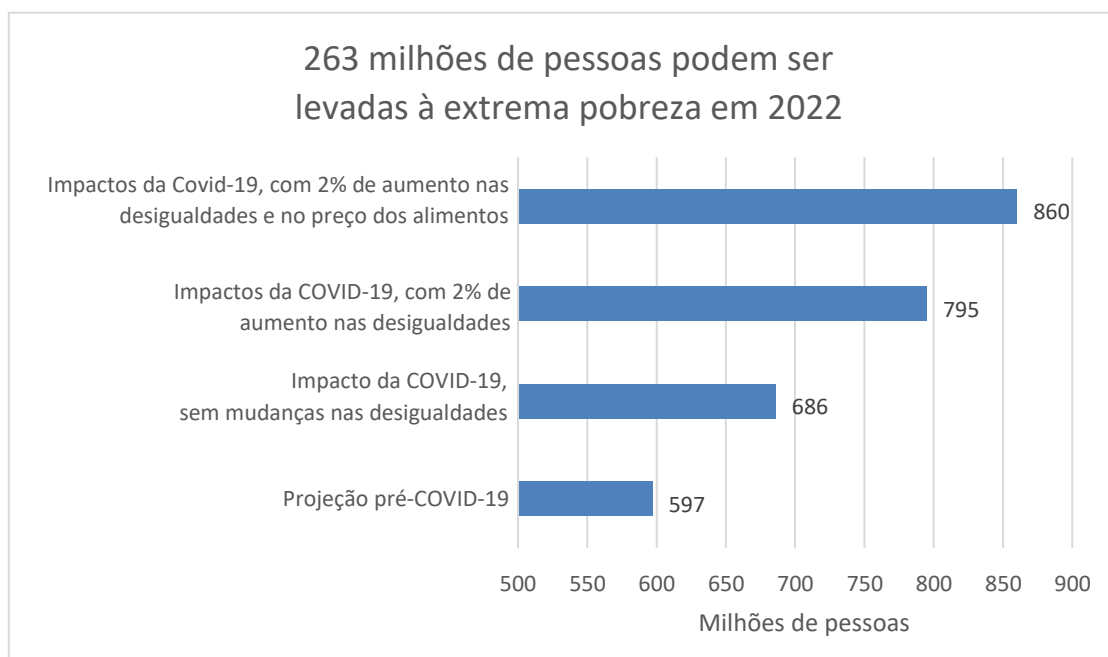
Antes da guerra na Ucrânia e seus efeitos, o Banco Mundial projetou que a Covid-19 levaria 198 milhões de pessoas a viver na extrema pobreza em 2022. Os números projetados consideravam o impacto da Covid-19, bem como um aumento da desigualdade em 2%. O FMI, o Banco Mundial e a OCDE concordam que a Covid-19 provavelmente aumentará a desigualdade, tornando essa projeção a mais realista(33). Trata-se de um aumento enorme e sem precedentes, revertendo décadas de avanços na redução da pobreza.

Além da pobreza e desigualdade causadas pela Covid-19, agora temos uma crise inflacionária, com o aumento rápido nos preços dos alimentos e combustíveis. Pessoas comuns em todo o mundo veem o custo dos produtos básicos aumentar assustadoramente.

Com base em pesquisas anteriores, feitas pelo Banco Mundial e pelo Center for Global Development, sobre altas súbitas nos preços dos alimentos, a Oxfam agora estima que mais 65 milhões de pessoas podem ser levadas a viver abaixo da linha da extrema pobreza, com até US\$ 1,90 por dia, por causa do aumento exorbitante no preço dos alimentos(34).

**Isso significa que *mais* 263 milhões de pessoas, um pouco mais de um quarto de um bilhão, podem ser levadas à pobreza extrema este ano por causa da “tempestade perfeita” criada pela Covid-19, as crescentes desigualdades e a alta no preço dos alimentos.**

Tal número equivale às populações do Reino Unido, França, Alemanha e Espanha juntas(35), e resultaria em um total de 860 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da extrema pobreza.



Fonte: Banco Mundial e cálculos da Oxfam com base no Center for Global Development e Banco Mundial(36).

Estes são os números da pobreza extrema. Além disso, o Banco Mundial estima que 3,3 bilhões de pessoas estejam vivendo abaixo da linha da pobreza de US\$ 5,50 por dia em 2022, aproximando-se da metade da humanidade(37). Nas nações ricas, centenas de milhões passaram a viver em relativa pobreza e muitas também passam fome, tendo que escolher entre comer e aquecer a casa durante o inverno. Bilhões de pessoas em todo o mundo estão vivendo na miséria, a um salário da penúria - taxistas, seguranças, enfermeiras, professores, cozinheiros, faxineiros, operários da fábrica. Eles não têm economias, proteção trabalhista e recebem um salário de fome.

#### Escolhas impossíveis diante da alta de preços no mundo todo

Nellie Kumambala é professora primária em Lumbadzi, Malawi. Ela mora com o marido, dois filhos e a mãe idosa.

*“Os preços subiram muito, mesmo considerando apenas o último mês. O óleo de cozinha de dois litros, no mês passado, custava 2600 Kwacha, agora custa 7500! Imagine! Ontem fui à loja comprar óleo de cozinha, mas não deu, eu não tinha dinheiro suficiente. **Todos os dias eu me preocupo: como vou pôr comida em casa, e penso 'o que devo fazer hoje para podermos comer?'.**”*

*Muitos dos meus alunos estão passando fome. Esta época do ano é sempre uma época de fome no Malawi, pois esperamos as colheitas, mas com esses preços altos as coisas ficam muito piores. As crianças costumam dormir durante as aulas porque têm muita fome, vêm à escola de estômago vazio. Elas dizem que estão doentes, mas sabemos que elas simplesmente não comeram.”*

Becky (nome fictício) é professora há 26 anos em West Virginia, nos Estados Unidos. Ela ganha US\$ 12,70 por hora e afirma que foi duramente afetada pela recente disparada de preços.

*“Normalmente, a gente consegue encontrar comida mais barata no Dollar General, mas nem isso está dando mais certo”, ela afirma. “Um galão de leite foi de US\$ 3,49 para US\$ 4,11 em uma semana. Precisamos encontrar maneiras de começar a gastar menos com as compras de mercado. Minha conta de luz passou de US\$ 329 no mês passado. Acabou de*

*chegar meu pagamento por duas semanas de trabalho e recebi um pouco mais de US\$ 600. A conta não fecha”.*

Babu Lama é motorista de táxi em Katmandu, Nepal. Ele mora em um único cômodo alugado com a esposa e o filho de 3 anos.

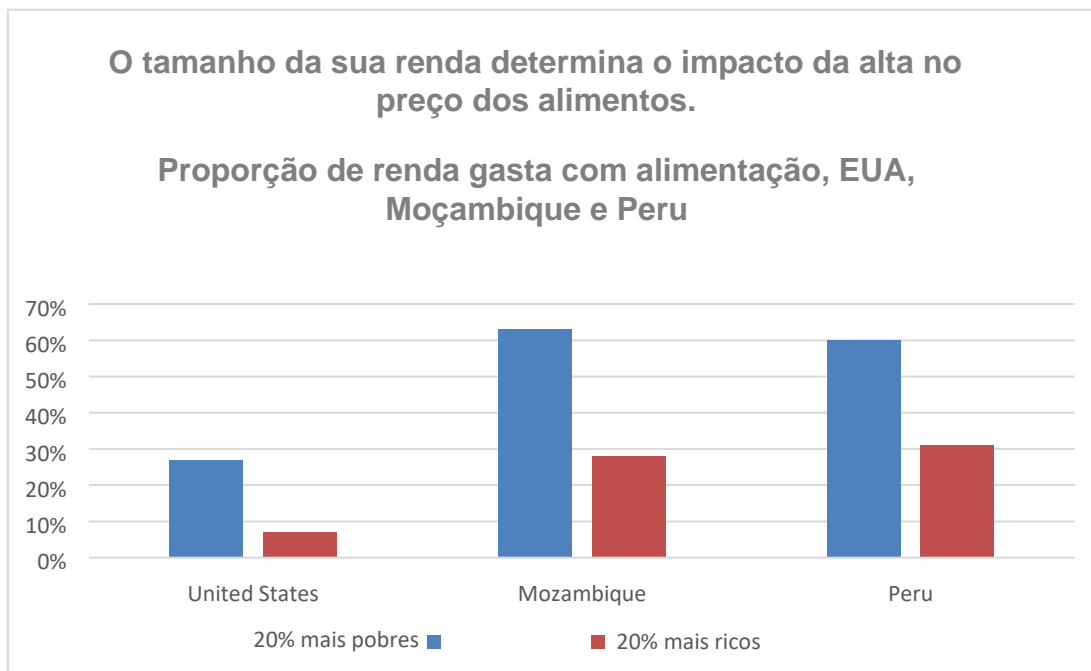
*“A dificuldade sempre fez parte da minha vida”, diz. “Mas estou extremamente preocupado com os recentes aumentos nos preços do petróleo e dos alimentos. Eu ganho cerca de NPR 45.000 (US\$ 370). Dou NPR 25.000 ao banco para pagamento de um empréstimo, e fico com NPR 20.000. Eu me viro para administrar meus gastos com alimentação e pagar aluguel. Não tenho dinheiro para matricular meu filho na escola. O coronavírus nos arrasou e, com esses preços dos commodities, que não param de aumentar, vamos passar fome.”*

A situação é a mesma ao redor do mundo. Os preços não param de subir e as pessoas têm de fazer escolhas difíceis, como pular refeições, comer apenas uma vez ao dia(38), ingerir apenas os alimentos mais baratos e deixar de consumir refeições mais caras e mais nutritivas. Além disso, têm de trabalhar mais ainda, apesar de sentirem a fraqueza da fome, tirar os filhos da escola para economizar dinheiro, deixar de tratar doenças por medo dos custos, caminhar em vez de pegar o ônibus, apesar do cansaço extremo, dormir usando todas as roupas e comer comida crua para economizar gás.

E, mais uma vez, cabe às mulheres absorver o choque da dor. São as mães as primeiras a pular refeições para alimentar os filhos, dizendo à família que vão comer depois, que não precisam se preocupar. Mães que se encarregam das finanças familiares, horrorizadas com o novo preço do milho ou do óleo no mercado, que têm de escolher entre comprar remédios ou comida. As crianças, principalmente as meninas, também pagarão um preço alto. Já afetadas pelo fechamento de escolas durante o pico da pandemia de Covid-19, os sonhos educacionais de muitas crianças serão frustrados mais uma vez, pois não há mais dinheiro para pagar as mensalidades escolares(39). A longo prazo, o impacto é perigoso, pois a falta de alimentos nutritivos prejudica o crescimento e o desenvolvimento de milhões de crianças, e a piora será sentida por toda a vida(40).

O alta no preço dos alimentos e dos combustíveis atinge as finanças dos pobres com muito mais força do que as finanças dos ricos, e isso, por sua vez, aumentará ainda mais as desigualdades. O FMI estima que, enquanto os consumidores nas economias avançadas gastam 17% do seu orçamento com alimentos, na África Subsaariana, corresponde a 40%(41).

E mesmo dentro das economias há também uma grande diferença entre ricos e pobres. Nos Estados Unidos(42), por exemplo, no ano de 2020, as famílias dos 20% mais pobres gastaram 27% de sua renda com alimentação, enquanto as dos 20% mais ricos gastaram apenas 7%. O Banco Mundial analisou quanto é o gasto com alimentação por quintil de renda em uma série de países africanos. Em Moçambique, por exemplo, as pessoas do quintil mais pobre gastam mais de 60% da renda comprando alimentos, enquanto os 20% mais ricos gastam pouco menos de 30%, ou seja, menos da metade(43).



*Várias fontes: Governo dos EUA, Banco Mundial(44)*

Há também evidências de que as taxas de inflação não são uniformes em todos os bens e serviços; ao contrário, o fenômeno da 'desigualdade inflacionária'(45) reconhece que os preços dos alimentos básicos, marcas próprias e outros produtos comprados por pessoas que vivem na pobreza estão subindo mais rapidamente do que comidas típicas e demais produtos comprados pelos mais ricos, o que aprofunda ainda mais a desigualdade.

O aumento dos preços dos alimentos não prejudica apenas os mais pobres, empurrando-os para a pobreza extrema, ela também agrava a crise da fome, que já afeta muitos. Interrupções na cadeia de suprimentos e desastres climáticos, juntamente com conflitos, como as guerras no Iêmen e na Síria, elevaram o preço dos alimentos e os salários não conseguem acompanhar o ritmo.

O resultado do colapso climático, da guerra, de conflitos e de um sistema econômico fracassado é que mais de 161 milhões de pessoas em 42 países já sofrem de fome aguda(46). Mais de meio milhão vive em condições análogas à fome em algumas regiões da África Oriental e do Oriente Médio, e 10,5 milhões enfrentam altos níveis de fome e desnutrição nos países do Sahel - Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger.

A atual alta vertiginosa no preço dos alimentos aumentará essa catástrofe. De acordo com as projeções da FAO, 827 milhões de pessoas poderão estar subnutridas em 2022, no pior cenário (47). Isso significa que as duas crises da Covid-19 e o aumento nos preços dos alimentos, juntamente com o colapso climático, a seca e conflitos, terão levado um total de 28 milhões de pessoas à subnutrição no mundo todo.

Todos esses números tomam como base o patamar de preços dos alimentos durante os primeiros meses de 2022, mas se eles continuarem subindo por conta da crise na Ucrânia, que interrompeu amplamente o fornecimento mundial de alimentos, energia e fertilizantes, os números tendem a piorar nos próximos meses.

## Estudo de caso: África Oriental

- **Quantas pessoas passam fome?**

Mais de 21 milhões de pessoas na África Oriental vivem em condições de fome extrema.

- **Por quê?**

O Quênia, a Etiópia e a Somália enfrentam uma das piores secas dos últimos 40 anos. O Sudão do Sul sofreu, pelo quinto ano consecutivo, com graves inundações, afetando a vida e os meios de subsistência de 835 mil pessoas, além de comprometer a agricultura. Tais eventos agravaram uma já dramática situação de fome causada por conflitos, a Covid-19 e a recente infestação de gafanhotos, registrada como a pior em 70 anos no Quênia e a pior em 25 anos na Etiópia e na Somália.

O aumento no preço dos alimentos está agravando a crise de segurança alimentar enfrentada por essas comunidades. Em janeiro de 2022, na Somália, o preço dos grãos básicos mais que dobraram em relação ao ano anterior. Em toda a região, as colheitas reduzidas fizeram com que a oferta diminuísse e os preços subissem.

- **Quais são os impactos da crise na Ucrânia?**

Tanto a Ucrânia quanto a Rússia são importantes fornecedores de trigo e derivados para países da África Oriental. O rápido aumento de preços resultante de interrupções na cadeia de suprimentos provavelmente levará milhões de pessoas a passar fome.

A Covid-19 e a guerra na Ucrânia evidenciaram a fragilidade do sistema alimentar global diante de abalos externos. Vários países de baixa renda dependem do mercado mundial para adquirir alimentos básicos, ou seja, sua segurança alimentar depende de alguns poucos países exportadores de grãos(48), o que os torna ainda mais vulneráveis a rupturas de mercado e aumentos de preços. É urgentemente necessário o fortalecimento dos sistemas alimentares nacionais e locais, tornando-os sustentáveis e resilientes, incluindo o apoio à produção em pequena escala e à agricultura familiar, que formaria a base da segurança alimentar de boa parte da população mais pobre.

### Salários em queda e estagnados

A Covid-19 teve impactos devastadores sobre os trabalhadores comuns de todo o mundo, e o que se vê é a repetida tendência de estagnação ou queda dos salários. Embora os dados sejam limitados, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) apurou que a Covid-19 levou os trabalhadores a aceitar jornadas reduzidas, além de cortes salariais, e que “dois terços dos países de que se tem estatísticas de curto prazo registraram uma queda nos salários ou uma média mais lenta de crescimento salarial, enquanto que a média em outros países deu um salto surpreendente nas estatísticas – refletindo principalmente um ‘efeito de composição’ devido à perda de empregos com remuneração mais baixa”(49).

Embora seja muito cedo para mensurar, existe a grande preocupação com a possibilidade de a inflação superar, e muito, o crescimento salarial em 2022, o que significa redução salarial real para os trabalhadores em todo o mundo por conta do aumento do custo de vida. Com a filiação sindical registrando mínimos históricos, trabalhadores têm pouca proteção contra o rápido aumento dos preços.

Os salários reais nos EUA estão caindo e são mais baixos do que antes da pandemia. Por exemplo, segundo uma pesquisa feita recentemente pela Oxfam, quase um terço dos trabalhadores nos EUA ganha menos de US\$ 15 por hora e metade das mulheres negras ganham menos de US\$ 15(50).

O impacto da pandemia aprofundou uma velha conhecida da economia: a desigualdade de gênero. Durante 2020, as mulheres tiveram 1,4 vez mais chance de deixar de trabalhar e passaram três vezes mais horas se dedicando ao trabalho não remunerado do que os homens. Em 2021, 13 milhões de mulheres a menos estavam empregadas em comparação a 2019, enquanto o emprego dos homens retornou ao patamar registrado naquele mesmo ano. A pandemia colocou um número desproporcional de mulheres para fora do mercado de trabalho, especialmente porque os *lockdowns* e o distanciamento social afetaram os setores de serviços, como o turismo, cuja mão de obra é majoritariamente feminina(51).

## 2. GOVERNOS À BEIRA DA INSOLVÊNCIA

Não são apenas milhões de pessoas em todo o mundo, mas nações inteiras estão sendo levadas à pobreza por conta de um sistema econômico falho que deixou países profundamente vulneráveis à crise.

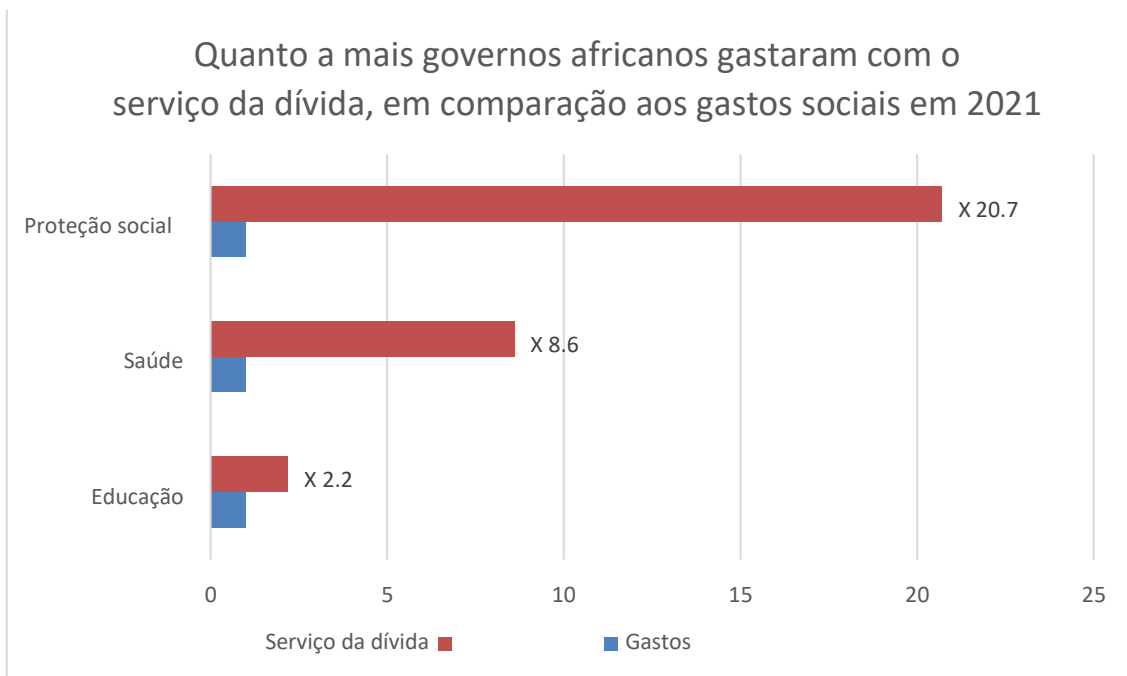
A pandemia da Covid-19 levou ao limite as finanças dos governos em todo o mundo. O custo da consequente recessão foi imenso e as ações tomadas por muitos governos para lidar com os impactos sobre os cidadãos custaram muito aos cofres públicos e elevaram os níveis da dívida pública.

Para os países em desenvolvimento, a crise da Covid-19 elevou ainda mais os já historicamente altos patamares da dívida, que muitos países já tinham dificuldade em pagar, vendo-se obrigados a adotar a redução de gastos públicos.

A Covid-19 aumentou drasticamente o problema, com os impactos econômicos iniciais da pandemia, a consequente recessão global sem precedentes e, posteriormente, o baixo crescimento de muitos países em desenvolvimento devido à contínua desigualdade no acesso a vacinas.

Os níveis da dívida aumentaram em 17% do PIB para todos os países em desenvolvimento entre 2019 e 2021, e agora em uma média de 63% para todos os países emergentes e em desenvolvimento(52). Estima-se que o serviço da dívida para todos os países mais pobres do mundo seja de US\$ 43 bilhões em 2022(53), o que equivale aproximadamente à metade das despesas conjuntas de importação de alimentos e gastos públicos com saúde (54).

As dívidas também estão tirando o dinheiro de investimentos essenciais nos setores sociais (educação, saúde e proteção social) que serão necessários para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e para proteger os países contra futuras pandemias. Em 2021, a dívida representou 171% do total de gastos sociais nos países de baixa renda e 125% nos países menos desenvolvidos. Ou seja, para os países africanos, a dívida será 2,2 vezes maior do que seus gastos com educação, 8,6 vezes maior do que seus gastos com saúde e 20,7 vezes maior do que seus gastos com proteção social(55).



*Fonte: Todos os dados contidos neste gráfico são do banco de dados compilado para um próximo relatório da Norwegian Church Aid, A Nordic Solution to the New Debt Crisis [Uma Solução Nórdica para a Nova Crise da Dívida], com base no Banco de Dados de Perspectivas Econômicas Mundiais do FMI para dívida/PIB, em documentos orçamentários dos países e documentos do Artigo IV do FMI para o serviço da dívida e outros números de despesas. Não estavam disponíveis dados sobre o serviço da dívida da Argélia, Egito, Guiné Equatorial, Eritreia ou Líbia, nem dados sobre o estoque da dívida da Eritreia.*

O financiamento oriundo de instituições financeiras internacionais, particularmente os concessionais e de condições leves, a suspensão dos pagamentos da dívida bilateral pelo G20 e a emissão, já tardia, de US\$ 650 bilhões em SDRs foram pequenas contribuições para ajudar a atenuar os profundamente prejudiciais impactos econômicos sobre nações em todo o mundo. Mas não foi suficiente diante da crise econômica. O acúmulo de vacinas por parte de nações ricas também foi prejudicial, afinal, levou a uma recuperação da pandemia em duas velocidades diferentes, e ao primeiro aumento da desigualdade global entre nações ricas e as em desenvolvimento em três décadas, significando que, à medida que entramos no terceiro ano da pandemia, o drástico aumento mundial no preço dos alimentos e combustíveis atingiu países que já se encontravam em dificuldades financeiras.

O dramático retorno da inflação, impulsionado, primeiramente, pelas nações ricas se recuperando da crise da Covid-19 e agora pela guerra na Ucrânia, levou o *Federal Reserve* dos EUA a aumentar o custo dos empréstimos. A fuga para o dólar, outra consequência da guerra na Ucrânia, também elevou o seu preço – uma má notícia para os países em desenvolvimento, que precisam do dólar para importar produtos essenciais, como energia, medicamentos e alimentos, além de terem grande parte da dívida denominada em dólar. Por conta disso, muito provavelmente, muitos países em desenvolvimento deixem de pagá-la nos próximos meses, enquanto muitos outros mais ficarão à beira da insolvência, tentando saldar o que devem e manter importações essenciais.

Tal cenário exigirá uma redução drástica das despesas públicas ao redor do mundo, o que aumenta ainda mais a pobreza e a desigualdade. De acordo com a UNCTAD(56), a restrição de políticas nos países ricos, impulsionada pela inflação e pela guerra na Ucrânia, provavelmente levará à desvalorização repentina da moeda de muitos países em desenvolvimento, o que, por sua vez, levará a recessão e insolvência. A agência da ONU estimou que os países em desenvolvimento precisarão de US\$ 310 bilhões somente em 2022 para pagar o serviço da dívida pública externa. A moeda egípcia desvalorizou em 14% após a crise ucraniana, pois o país enfrenta escassez de dólares para financiar importações essenciais, como a de

alimentos(57), e já está discutindo um novo programa de empréstimos com o FMI. O Sri Lanka também enfrenta uma situação muito desafiadora – a pandemia contribuiu significativamente para esgotar suas reservas de moeda estrangeira e a guerra na Ucrânia colocou mais lenha na fogueira. Agora, o Sri Lanka enfrenta sua pior crise econômica desde a independência, tendo de racionar eletricidade, o que inclui o não funcionamento dos hospitais; enquanto isso, as pessoas estão indo às ruas, pois o país está à beira da bancarrota. O governo agora busca um programa de resgate com o FMI. A Tunísia é outro país cujas finanças estão em situação crítica. Em 2021, o FMI estimou que as necessidades financeiras da Tunísia estariam entre 14% e 18,3% do PIB anual(58). A pandemia levou a economia do país ao limite. Mesmo antes da guerra na Ucrânia, a Tunísia já tinha dificuldade de pagar o salário de seus funcionários públicos(59). À medida que os preços dos produtos básicos sobem, a classificação de crédito da Tunísia diminui, pois o país corre cada vez mais o risco de se tornar inadimplente(60). O governo atualmente discute com o FMI um programa de resgate, que provavelmente imporá medidas austeras voltadas aos salários e subsídios do setor público, podendo levar ao aumento das dificuldades e ao agravamento da desigualdade.

A pesquisa da Oxfam mostrou que a maioria dos empréstimos de emergência feitos pelo FMI durante a Covid-19 no primeiro ano da pandemia encorajou os países a buscar a austeridade após a crise sanitária, apesar dos muitos avisos, inclusive do próprio FMI, de que a austeridade corre o risco de prejudicar a recuperação(61). Agora, o FMI requer como condição cortes de gastos em proporção do PIB em vários de seus programas de empréstimos. Tal tendência de austeridade não se limita aos países que recebem financiamento do FMI: 159 países planejam cortar gastos governamentais em proporção do PIB este ano(62). Aumentar os impostos sobre o consumo, que afetam os mais pobres de maneira desproporcional, reduzir os salários do setor público e os serviços sociais só levará ao aumento das dificuldades.

Gastos públicos com serviços como educação, saúde e proteção social reduzem a pobreza e a lacuna entre ricos e pobres, porque os benefícios que trazem correspondem a uma proporção maior da renda dos pobres do que dos ricos. A assistência médica gratuita beneficia toda a sociedade, por exemplo, mas como os pobres gastam uma proporção muito maior de seus escassos rendimentos com saúde, a introdução da assistência médica gratuita os beneficia muito mais, ou seja, os serviços públicos têm demonstrado consistente capacidade de reduzir os níveis de pobreza e desigualdade em um país. O mesmo vale para a proteção social(63). Em todos os países da OCDE, os serviços públicos já fornecem aos mais pobres o equivalente a 76% de sua renda pós-dedução de impostos.

Por outro lado, a redução dos gastos públicos aumenta a desigualdade e a pobreza e tem um impacto desproporcional sobre os pobres, as mulheres e os grupos minoritários.

### **3. OS GRANDES VENCEDORES: LUCROS CORPORATIVOS E BILIONÁRIOS**

#### **Lucros corporativos exorbitantes em tempos de crise**

Em setembro de 2020, seis meses após o início da pandemia de Covid-19, a Oxfam informou que o lucro das 32 maiores empresas do mundo aumentou em US\$ 109 bilhões em 2020(64). A pesquisa destacou como as corporações priorizaram lucros e pagamentos aos acionistas em vez de empregos e segurança aos trabalhadores, reduzindo custos e riscos associados à COVID-19 em suas cadeias de suprimentos. O relatório descobriu que a expectativa das 25 empresas mais lucrativas era pagar aos acionistas mais de US\$ 378 bilhões em 2020 – o equivalente a 124% de seus lucros. Na época, estimou-se que um imposto sobre o lucro excedente das 32 empresas mais lucrativas conseguiria arrecadar US\$ 104 bilhões para responder à Covid-19.

Durante o ano de 2021, tais tendências persistiram. O valor das 1.200 maiores empresas do mundo aumentou de 56% desde o início de 2019(65) e as empresas americanas estão obtendo lucros recordes, com aumento em 37%, ou seja, muito acima da inflação. Ao mesmo tempo, as corporações pagam uma parcela menor da receita tributária federal do que na década de 1950, caindo de um terço para apenas um décimo do total hoje(66).

Enquanto os salários dos trabalhadores foram reduzidos, os pagamentos feitos aos acionistas em 2021 foram os mais altos já registrados e os dividendos globais subiram para um recorde de US\$ 1,47 trilhão – um aumento de 16,8%(67). As empresas de mineração e financeiras são as que mais contribuíram para tal crescimento(68).

Essa tendência de estagnação ou queda de salários em relação ao crescimento dos lucros corporativos e da inflação é vista no mundo todo.

### **Empresas lutam para defender lucros**

Nem mesmo uma pandemia mundial interrompeu a conexão entre os lucros elevadíssimos das corporações e a influência política e o imposto corporativo é o exemplo paradigmático. Após anos de negociação, a OCDE anunciou um acordo destinado a acabar com a queda vertiginosa dos impostos corporativos – mas o acordo final está cheio de brechas e não faria quase nada para o aumento da receita, do qual países de baixa renda necessitam desesperadamente (69).

Ao mesmo tempo, as tentativas do presidente Biden de impedir que as corporações americanas abusassem dos paraísos fiscais fracassaram no final do ano passado, apesar do amplo apelo popular, pois elas investiram pesadamente em lobby (70). O alvo do exército de lobistas das grandes corporações foi o senador e eleitor indeciso Joe Manchin, e a solução foi empregar seus ex-assessores – uma ilustração de como a porta giratória corporativa funciona (71).

Elas também foram bem-sucedidas ao combater os pedidos de aumento do salário-mínimo estadunidense para acima dos insignificantes US\$ 7,25 por hora, colocando o lucro acima do bem-estar de seus próprios trabalhadores (72).

Agora, sem sombra de dúvida, o maior e mais prejudicial exemplo de como corporações priorizam lucros em vez de pessoas foi a reação às propostas de renúncia às proteções de propriedade intelectual e compartilhamento da tecnologia da vacina como um bem público global (renúncia do Acordo TRIPs). Embora o compartilhamento da tecnologia de vacinas possa salvar milhões de vidas, ele afetaria os resultados das empresas farmacêuticas, que se opõem veementemente. Afinal, as vacinas contra a Covid-19 são os produtos farmacêuticos mais lucrativos da história. A remoção de seu monopólio e da capacidade de ditar os preços de mercado inevitavelmente faria com que os preços das vacinas caíssem e os bilhões em receita garantida fossem perdidos. Mais de 100 lobistas de farmacêuticas foram enviados para Washington DC e € 36 milhões foram gastos em Bruxelas para lutar contra tal proposta (73).

### **Pequenas empresas – abandonadas, afinal, o foco são grandes corporações**

As pequenas e médias empresas (PME), definidas como empregadoras de até 250 funcionários, são fundamentais para a empregabilidade mundial e representam, em média, 70% do emprego total e 50% do PIB (74). No entanto, elas também não tiveram um desempenho tão bom como as corporações na recuperação. Globalmente, um total de 18% das pequenas empresas relatou terem fechado as portas em setembro de 2021. Das que se mantiveram em funcionamento, 36% indicaram que reduziram empregos (75). As empresas lideradas por mulheres e minorias tendiam mais a ser fechadas do que a média mundial (76).

Os programas de resgate durante a pandemia também foram direcionados para as grandes corporações, ficando distantes das PMEs. Nos Estados Unidos, dos US\$ 520 bilhões em empréstimos do Paycheck Protection, cerca de um terço foi para apenas 1,6% dos quase 5,2

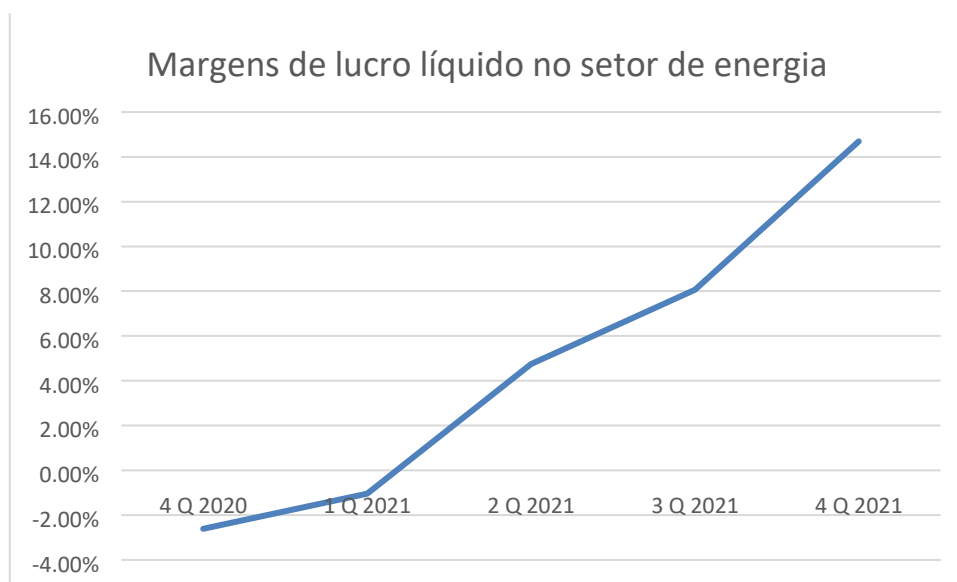
milhões de tomadores de empréstimos e em grandes quantias, variando de US\$ 1 milhão a US\$ 10 milhões (77).

### **Setor de alimentos e energia – uma máquina de geração de lucro**

Agora, dois anos após a pandemia, além de o mundo enfrentar diversas crises e a inflação, há também tendência preocupante das empresas se aproveitando da situação para aumentar os lucros. A pronunciada alta nos preços da energia já elevou o lucro das petrolíferas a níveis recordes. As 25 principais empresas de petróleo e gás lucraram US\$ 205 bilhões em 2021(78).

À medida que os tais preços aumentavam, ao longo de 2021, chegando ao seu patamar mais alto em mais de uma década, tanto os lucros quanto as margens de lucro dessas corporações dispararam (veja a Tabela 2), o que sugere que elas estão aproveitando a crise para maximizar o lucro corporativo. As empresas de petróleo e gás aumentaram as recompras de ações em 2.181% no quarto trimestre de 2021(79), enriquecendo os acionistas, que representam majoritariamente os mais ricos da sociedade(80), às custas dos consumidores.

**Tabela 2: Margens de lucro líquido no setor de energia e preço da energia**



*Fonte: CSI Market (81)*

Com os preços dos alimentos aumentando rapidamente, podemos esperar tendências semelhantes no setor de alimentos e bebidas. O lucro da metade dos 28 fabricantes de alimentos e bens de consumo listados na Fortune 500 aumentou (82) enquanto, nos EUA, por exemplo – e mesmo antes do início da guerra na Ucrânia –, havia uma previsão de aumento nos gastos com mercado em 22% (83) no ano de 2022, em comparação aos níveis pré-pandemia.

Os resultados financeiros das empresas desde o início da guerra na Ucrânia ainda não foram divulgados, mas, olhando para o desempenho dos fundos de índice que rastreiam empresas agrícolas, fica claro que os investidores reconhecem que elas rapidamente se tornarão cada vez mais lucrativas por conta da alta no preço dos alimentos (84).

### **Riqueza de bilionários registra maior aumento da história**

Durante a Covid-19, a riqueza bilionária teve o maior aumento já registrado na história, atingindo agora seu nível mais alto (85). Este é o maior disparada da riqueza bilionária desde quando começou a ser registrada. Um novo bilionário é criado a cada 26 horas desde o início da pandemia(86). A fortuna dos dez homens mais ricos do mundo dobrou (87). A pequena elite

mundial de 2.755 bilionários viu suas fortunas crescerem mais durante a Covid-19 do que em todos os 14 anos anteriores – que, vale notar, já foram de bonança (88).



[Aumento na riqueza milionária 1987-2021] US\$bn (em termos reais)]

Fonte: Forbes/cálculos da Oxfam (89)

À medida que a COVID-19 se espalhava, os bancos centrais injetaram trilhões nas economias, com o objetivo de impedir que economia mundial afundasse e grande parte desse estímulo foi para os mercados financeiros e, de lá para cá, passaram a comprar o patrimônio líquido dos bilionários. Os governos injetaram US\$ 16 trilhões na economia global desde o início da pandemia(90) e a grande consequência foi que a riqueza dos bilionários aumentou em US\$ 5 trilhões, passando de US\$ 8,6 trilhões para US\$ 13,8 trilhões desde março de 2021(91), uma vez que tal intervenção governamental aumentou o valor das ações(92).

Tanto a fortuna atual dos extremamente ricos quanto o ritmo no qual estão acumulando riqueza nunca foram vistos antes na história. Nos EUA, a concentração de riqueza no topo agora supera o pico da Era Dourada do final do século 19, com poucos sinais de diminuição(93). No ano passado, vimos bilionários viajarem para o espaço, em um momento no qual a pobreza e o sofrimento aumentam como jamais visto no planeta Terra.

Elon Musk, o homem mais rico do mundo(94), recebeu bilhões de dólares em subsídios governamentais(95), enquanto violava as leis trabalhistas e solapava os esforços de organização dos trabalhadores das fábricas(96), além de não pagar o imposto de renda federal em 2018(97). O Sr. Musk, que pagou uma “taxa de imposto real” de 3,27% entre 2014 e 2018(98), criticou uma proposta de imposto sobre os bilionários em 2021, argumentando que seu “plano é usar o dinheiro para levar a humanidade a Marte e preservar a luz da consciência” (99).

Na Índia, a riqueza do bilionário Gautam Adani octuplicou durante a pandemia(100) e ele se beneficiou significativamente dos combustíveis fósseis, um setor no qual está aumentando sua presença(101). Conforme relatado no *Financial Times*, Adani fez uso de conexões no governo e se tornou o maior operador de portos do país, o maior produtor de energia a carvão térmico, além de exercer o controle de mercado sobre transmissão de energia, distribuição de gás e aeroportos agora privatizados(102) – todos esses um dia foram considerados bens públicos.

#### **Caminho a seguir**

O setor corporativo está impulsionando a desigualdade e os governos devem agir para garantir o aumento dos salários, e não dos preços e lucros.

Agora é a hora dos governos controlarem radicalmente o poder corporativo e criarem uma economia para todos. Precisamos de um modelo econômico que coloque as pessoas no centro, proteja os mais vulneráveis, compartilhe os lucros de forma equitativa e seja baseado na democracia. Tanto os governos quanto o setor privado têm um papel a desempenhar nessa reforma(103).

## 4. UM PLANO DE RESGATE ECONÔMICO URGENTE

### **Chegou a hora de proteger os pobres da inflação**

Antes da pandemia, metade da humanidade não recebia nenhum benefício de previdência social (104). Os lockdowns estimularam uma expansão sem precedentes dos programas de proteção social em todo o mundo(105). No entanto, tal crescimento não acompanhou as necessidades: a OIT estima que a lacuna de financiamento global até se alcançar um “piso de proteção social para todos” (ou seja, um conjunto de benefícios mínimos universais voltados para velhice, filhos, invalidez e maternidade) aumentou em um terço devido à pandemia e totalizou US\$ 707 bilhões em 2020(106). Tal número exclui seguros-desemprego ou programas de desenvolvimento da força de trabalho para quem foi demitido – atualmente, ainda há cerca de 23 milhões de empregos a menos no mundo do que haveria em um cenário sem pandemia(107). E isso foi antes dos impactos econômicos da guerra na Ucrânia.

### **Proteção das pessoas por meio da transferência de renda**

Onde não existe proteção social adequada para trabalhadores desempregados, idosos, portadores de necessidades especiais, crianças e mães, os governos devem fornecer apoio por meio de outras formas de transferência de renda, buscando incluir quem ainda não está coberto e expandir tais benefícios a todos os residentes, incluindo migrantes e refugiados. Novas medidas devem defender os direitos independentes das mulheres à proteção social e garantir que os benefícios sejam adequados e confiáveis, cobertura universal, proteção abrangente, financiamento progressivo e governança responsável. Está na hora de dar passos ousados em direção à proteção social universal que responda a mudanças súbitas.

### **A criação de um Fundo Global para Proteção Social**

Sem ajuda, fornecer até mesmo um piso mínimo de proteção social é algo que está fora do alcance dos países de baixa renda. Há uma necessidade urgente de se estabelecer um mecanismo internacional de financiamento para proteção social que lhes permita fornecer a segurança da renda básica para suas populações e manter tais serviços em tempos de crise grave (108). Esta é uma obrigação internacional cuja implantação está muito atrasada.

### **Indexação de salários e benefícios à inflação**

Os governos devem intervir para proteger o poder de compra das pessoas em situação de vulnerabilidade. Uma solução rápida é a indexação automática de transferências de renda e salários à inflação em intervalos curtos (por exemplo, três meses de defasagem). O FMI também deve suspender a condicionalidade do programa que exige congelamento de salários nominais para trabalhadores do setor público.

### **Controle de preços**

A indexação automática não protegerá a maioria da população que vive em extrema pobreza, trabalha por conta própria e não recebe benefícios. Os programas de transferência de renda nem sempre chegam a todos que precisam e não impedem que as pessoas passem fome ou frio quando os preços dos alimentos ou da energia aumentam. Os governos devem buscar controlar diretamente os preços dos alimentos e da energia. A Oxfam insta para:

- **Redução permanente do IVA e impostos sobre a venda de produtos alimentares básicos:** Reduções temporárias podem não ser repercutidas nos consumidores. Tais impostos aumentam a pobreza e a desigualdade mesmo quando há crise. O FMI deve deixar de aconselhar ou exigir que governos aumentem a cobertura do IVA aos

produtos alimentares básicos; pelo contrário, deve aconselhá-los a acabar com tais impostos.

•**Subsídios limitados e/ou temporários sobre produtos alimentícios básicos:** Governos podem e devem agir para manter o preço dos alimentos acessível para os cidadãos comuns. A ampliação dos programas de alimentação escolar para cobrir mais refeições, mais crianças e o período de férias podem aliviar as finanças das famílias e mantê-las na escola. O preço dos gêneros alimentícios de primeira necessidade pode ser subsidiado, de modo a garantir a todas as famílias uma quantidade a preço acessível (109). Os subsídios podem ser caros para os governos e precisam ser projetados com cuidado, mas continuam sendo uma forma importante por meio da qual se pode proteger as populações da fome impulsionada pelo rápido aumento de preços.

•**Mercados regulados:** Governos devem evitar a proibição da exportação e identificar medidas para controlar e refrear os mercados. A transparência do mercado deve ser aumentada e novas regras, implementadas para evitar que a especulação financeira excessiva estimule a volatilidade dos preços dos alimentos.

•**Sistemas alimentares transformados:** Precisamos de um sistema alimentar que funcione para todos, ou seja, um sistema alimentar que resista a mudanças súbitas, como a crise climática e a inflação que atinge os alimentos nos mercados internacionais, e não contribua para a destruição ambiental. Os governos devem fornecer o financiamento público necessário para criar sistemas alimentares igualitários, justos em termos de gênero e sustentáveis, principalmente investindo em pequenas agricultoras e concentrando-se na produção agroecológica – inerentemente menos dependente da importação de rações e insumos agrícolas e mais resiliente aos impactos da mudança climática.

•**Resguardar a segurança alimentar nas políticas comerciais:** As regras do comércio internacional devem apoiar o desenvolvimento de sistemas alimentares locais e regionais e evitar a concorrência desleal com os grandes conglomerados agrícolas. A regulamentação das indústrias alimentares nacionais dos países de alta exportação é necessária para garantir que elas não ameacem o desenvolvimento e a estabilidade dos mercados locais e regionais.

### **Cancelamento de dívidas impagáveis**

Os líderes mundiais reconhecem o risco que a inadimplência em cascata representa para a recuperação econômica global (110). No entanto, até o momento, apenas meias-medidas foram tomadas. A maior parte do financiamento relacionado à Covid-19 mobilizado para países em desenvolvimento veio na forma de empréstimos, aumentando o fardo da já excessiva dívida (111). A comunidade global continua a conduzir o carro rumo ao despenhadeiro, com medo de não conseguir dar a partida novamente após usarem o freio. As duas principais iniciativas destinadas a aliviar a dívida – a Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (DSSI) e o Quadro Comum – mostraram-se amplamente ineficazes. O DSSI apenas suspendeu, não cancelou, US\$ 12,9 bilhões em pagamentos de dívidas em 2020 e 2021 (112), ou seja, apenas postergou a resolução da questão. Até agora, o Quadro Comum não conseguiu cancelar nem suspender dívida alguma. Apenas três países se inscreveram e estão empatados no processo (113).

### **Cancelamento de todos os pagamentos da dívida em 2022 e 2023 para todos os países de baixa e média renda que precisem.**

Em janeiro deste ano, o Banco Mundial estimou que 33 países já estavam “em” ou corriam “alto” risco de sobre-endividamento(114) – ainda sim, esperava-se que fizessem pagamentos de dívidas superiores a US\$ 33 bilhões, somente em 2022 (115). Trata-se de uma estimativa muito conservadora. Existem 60 países com sérios problemas de liquidez, definidos como tendo uma obrigação de serviço da dívida de mais de 15% do PIB (116) – trata-se de dinheiro precioso saindo pela porta, dinheiro necessário para pagar as crescentes contas de importação

de alimentos e as respostas contínuas à COVID-19, sem falar em investimentos em um futuro igualitário e sustentável.

### **Suspensão imediata do serviço da dívida para os países que se candidatam ao Quadro Comum e resolução das deficiências do processo, particularmente a participação de credores privados**

Um congelamento dos pagamentos do serviço da dívida até que se entre em um acordo de reestruturação da dívida proporcionaria alívio temporário aos devedores preocupados e seria um incentivo a todos os credores para concluir o processo rapidamente (117). Nenhuma revisão de classificação de crédito deve ser permitida durante esse período.

Um plano também deve ser posto em prática para desenvolver uma nova arquitetura global para lidar com emergências da dívida em 2022. O Quadro Comum não está à altura da tarefa. Não conseguiu fornecer uma “solução comum” a todos os devedores que apresentem sinais claros de angústia, e continua a aplicar uma abordagem caso a caso a países que estejam à beira da falência. A falta de participação de credores privados, que respondem por cerca de um terço da dívida dos países de renda baixa e média-baixa, nesse esforço de alívio da dívida tem sido um grande obstáculo. Os países credores devem mudar suas leis para evitar que os fundos abutres atrapalhem os esforços coletivos de reestruturação da dívida.

### **O Banco Mundial e o FMI devem desempenhar o seu papel**

As instituições multilaterais, que respondem por cerca de um terço da dívida dos países de renda baixa e média-baixa, mostraram-se extremamente relutantes em fornecer alívio da dívida, apesar da retórica dos líderes do Banco Mundial e do FMI de que se deve tratar dos desafios da dívida enfrentados pelos países de baixa renda. Embora o FMI tenha estabelecido um mecanismo para que doadores cubram os pagamentos devidos por países de baixa renda ao FMI, suas sobretaxas têm cutucado as feridas da dívida, pois se espera que países mutuários paguem mais US\$ 4 bilhões até o final de 2022 (118). O Banco Mundial desviou de sua responsabilidade alegando que não pode fornecer alívio da dívida sem comprometer sua própria classificação de crédito AAA. Dado que este não foi o caso durante as rodadas anteriores de cancelamento da dívida sob a iniciativa HIPC, trata-se uma desculpa fraca (119).

As IFIs também podem fazer mais para apoiar os países rumo à sustentabilidade da dívida. O FMI aprovou no ano passado uma nova Sovereign Risk and Debt Sustainability Framework [Estrutura de Sustentabilidade de Risco e Dívida Soberana] (SRDSF). Os relatórios dos países devem incluir análises das consequências de longo prazo causadas pela mudança climática nas finanças públicas (incluindo o financiamento da adaptação). Os relatórios de sustentabilidade da dívida devem ser publicados com dados sobre todos os credores, perfil de vencimento da dívida e outras informações relevantes.

### **Recuperar o sistema falido em face das classificações de crédito soberano**

As agências de classificação de crédito mantêm o custo dos empréstimos desproporcionalmente alto para os países em desenvolvimento, o que os impede de fazer empréstimos a longo prazo. O temor de sofrer rebaixamento por parte das agências de classificação de crédito desencorajou a maioria dos países até mesmo de pedir o alívio fiscal do qual desesperadamente precisavam. Mesmo assim, os países em desenvolvimento foram punidos com mais de 95% de rebaixamento de classificação de crédito, às vezes, até mesmo quando as desacelerações econômicas causadas pela pandemia foram mais brandas (120), o que criou um ciclo vicioso de dívidas em espiral e lucros vultuosos para credores privados que recebem os benefícios de altos rendimentos enquanto permanecem imunes a quaisquer desvantagens.

### **Apoiar um mecanismo de reestruturação da dívida soberana**

A maior parte do mundo está atenta à guerra na Ucrânia, mas os Ministros das Finanças dos países de baixa renda observam ansiosamente outro acontecimento: as ações de um pequeno

grupo de poderosos banqueiros centrais. Se tais banqueiros aumentarem as taxas de juros, os países de baixa renda sabem o que acontecerá: saídas de capital (para títulos do Tesouro dos Estados Unidos e outros ativos de países ricos), desvalorização da moeda e o aumento do custo para pagar os credores (empréstimos que, provavelmente, resultaram da decisão tomada por esses mesmos banqueiros centrais de reduzir as taxas de juros). Ao contrário do já visto nos *taper-tantrums* anteriores, a pandemia já esgotou as defesas econômicas da maioria dos países de baixa renda. Os banqueiros centrais de fato declararam guerra econômica aos mais vulneráveis e fortaleceram divergências nas recuperações econômicas.

Os principais bancos centrais, principalmente os dos Estados Unidos e da União Europeia, têm de reconhecer publicamente os impactos de suas políticas monetárias (por exemplo, aumentos futuros das taxas de juros) nas economias em desenvolvimento e tomar medidas para mitigar os danos relacionados a elas (como o uso de SDRs para a compra das moedas estrangeiras mais impactadas pela fuga de capitais). No entanto, essas são apenas medidas atenuantes das quais os bancos centrais podem participar, pois se necessita mesmo é de apoio político para um mecanismo de reestruturação da dívida soberana que possa conciliar os prejuízos causados.

### **Apoio à criação de um mecanismo automático de moratória de pagamento de dívidas após de um abalo externo catastrófico (como eventos climáticos extremos, desastres naturais, pandemia, agressão militar etc.)**

O mundo vem testemunhando inúmeros abalos drásticos que afetam a capacidade dos países de proteger o bem-estar das pessoas em ao mesmo tempo, honrar os títulos da dívida. A pandemia da Covid-19 é um exemplo marcante disso, mas também podemos pensar em eventos climáticos extremos, como furacões ou secas, desastres naturais como a erupção vulcânica em Tonga ou a guerra na Ucrânia. Diante dessas situações, os governos têm de pagar os títulos da dívida externa simultaneamente ao enfrentamento dos impactos de eventos catastróficos e buscam recursos financeiros para pagar pelas medidas de emergência, reconstrução e recuperação.

Para esses casos, as organizações da sociedade civil vêm propondo que governos e instituições internacionais estabeleçam um mecanismo automático de moratória de pagamento de dívidas após um abalo externo catastrófico. Tal mecanismo deve abranger credores públicos e privados, além de ser adicionais ao acesso imediato a recursos não geradores de dívidas para lidar com a emergência e financiar ações de reconstrução e recuperação.

### **Realocar e reemitir Direitos Especiais de Saque (SDRs)**

Os US\$ 650 bilhões em Direitos Especiais de Saque (SDRs) emitidos em agosto de 2021 foram distribuídos com base em cotas, e não em necessidades, de acordo com as regras do FMI, o que significa que US\$ 400 bilhões foram destinados a países de alta renda, US\$ 230 bilhões a países de renda média e US\$ 21 bilhões a países de baixa renda, apesar das enormes necessidades destes últimos. Fazendo um pequeno esforço para compensar essa desigualdade, os países do G20 se comprometeram a realocar US\$ 100 bilhões da sua parte de volta para países de baixa renda. Sete meses depois, o que vemos é apenas o compromisso real de US\$ 36 bilhões (121). Os Estados Unidos, que receberam a maior parte da emissão, no valor de US\$ 113 bilhões em SDRs, até o momento não se comprometeram com nenhum centavo.

### **Realocar mais SDRs para países em desenvolvimento**

Os países ricos têm de realocar pelo menos 25% de seus SDRs para os países em desenvolvimento sem aumentar as dívidas nem impor condições. Dado que o FMI não pode e não deve absorver US\$ 100 bilhões em SDRs, bancos multilaterais de desenvolvimento, como o Banco Mundial ou o Banco Africano de Desenvolvimento, devem agir com urgência para criar canais alternativos que coloquem os SDRs realocados em uso. Existem meios criativos de apoiar os países de baixa renda com SDRs. No Reino Unido, por exemplo, grupos pedem que o governo utilize seus SDRs por meio da venda de outras moedas estrangeiras e da doação de

libras esterlinas para a Organização Mundial da Saúde (OMS). Do lado dos destinatários, os SDRs provaram ser um novo alento. Em cinco meses, muitos países já haviam usado parte de sua nova alocação e 39 países registraram SDRs em seus orçamentos governamentais ou os usaram para fins fiscais (122).

### **Adequar o Fundo de Resiliência e Sustentabilidade (RST) à sua finalidade**

O FMI deve garantir que seu novo Fundo de Resiliência e Sustentabilidade (RST) criado para canalizar SDRs evite condicionalidades e seja o mais concessional possível. Deve haver flexibilidade no uso do RST para responder a crises atuais e futuras. O acesso ao RST não deve ficar na dependência dos países terem um programa do FMI, o que cria outra forma de condicionalidade, reduzindo a relevância, acessibilidade e velocidade de tal canal.

### **Emitir uma nova alocação geral de SDRs**

Todas as opções devem estar disponíveis neste momento para fazer face à crise que estamos enfrentando. Em 2020, muitos pediram a emissão de US\$ 3 trilhões em SDRs. Todos sabem que o valor acordado de US\$ 650 bilhões não foi baseado em necessidades, mas em viabilidade política. Como o problema da dívida foi empurrado com a barriga, as necessidades são maiores agora.

### **O FMI deve considerar vender ouro**

Se o FMI vendesse apenas 12% de suas participações em ouro hoje, similar ao que foi feito em 2009, arrecadaria mais de US\$ 21 bilhões que poderiam estar disponíveis para levar ao cancelamento de dívidas ou, como segunda opção, serem usados para financiamento concessional (123).

**Destaques e pontos negativos da resposta de financiamento do FMI e do Banco Mundial à Covid-19**

**Destaques:**

- O FMI implantou o financiamento de emergência, ultrapassando US\$ 100 bilhões (124) em menos de seis meses, tendo sido a maior parte concedida como financiamento de emergência, sem condicionalidades, pedindo aos países que gastassem o que fosse necessário para combater a pandemia.
- O FMI conseguiu o apoio de doadores para o seu Fundo Fiduciário para Alívio e Contenção de Catástrofes (CCRT) a fim de proporcionar algum alívio à dívida contraída pelos países de baixa renda com o FMI.
- O FMI garantiu o apoio de seus acionistas para uma emissão histórica de US\$ 650 bilhões em SDRs.
- O Banco Mundial se comprometeu a redirecionar US\$ 160 bilhões para o plano de resposta à Covid-19 e adiantou recursos concessionais da Associação Internacional de Desenvolvimento (AID19) para países de baixa renda.
- O Banco Mundial reservou até US\$ 20 bilhões para apoio a vacinas.
- O Banco Mundial arrecadou US\$ 93 bilhões para seu pacote AID20.

**Pontos negativos:**

- A emissão de SDRs do FMI continuou sendo insuficiente, demorou muito para se materializar, principalmente por causa do veto dos Estados Unidos, e a maior parte dela foi para os países ricos, que agora estão deixando de compartilhar algo de que nem precisam.
- O FMI não considerou de fato vender ouro como fonte de financiamento (125).
- O FMI continuou a impor sobretaxas a países que tiveram que tomar grandes empréstimos e não conseguem pagar suas dívidas rapidamente.
- O FMI, ao mesmo tempo em que incentiva os países a “gastar, gastar, gastar, mas manter as receitas”, incentivou a adoção de políticas de austeridade quando a pandemia recuar (126).
- O Banco Mundial se recusou a oferecer até mesmo uma quantia mínima para alívio da dívida.
- O Banco Mundial não aumentou a concessão dos empréstimos associados à Covid-19 (por exemplo, oferecendo apenas subsídios para vacinas), apesar da crise da dívida e das imensas necessidades de financiamento.
- O Banco Mundial não tomou medidas suficientes para apoiar os países na remoção de barreiras financeiras na área da saúde, entre as quais taxas de uso, excluindo milhões dos atendimentos de saúde que salvam vidas (127).

**Aumentar a ajuda já**

Os doadores devem fornecer apoio emergencial imediato para responder às múltiplas crises e salvar vidas. No entanto, o mais importante é que esses doadores devem dar prioridade total em seus compromissos de ajuda existentes, inclusive responder à crise da Covid-19, e atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU em médio prazo. A previsão é de que a necessidade de ajuda aumente por conta das repercussões econômicas globais da guerra na Ucrânia. Infelizmente, alguns doadores já estão desviando os muito necessários financiamentos do desenvolvimento e humanitário.

### **Atender às necessidades urgentes**

Até agora, apenas 3% dos fundos foram destinados ao apelo de US\$ 6 bilhões da ONU para aliviar a fome generalizada presente na Etiópia, na Somália e no Sudão do Sul (128). Os doadores também ficaram muito aquém da estimativa que se tinha de ajuda por parte dos países ricos em resposta à crise da Covid-19, que seria de quase US\$ 300 bilhões (129). Embora os dados ainda não sejam definitivos, os doadores aumentaram apenas marginalmente os valores gerais de auxílio durante a pandemia, saindo de 0,3% da Renda Nacional Bruta (RNB) total em 2019 para 0,32% da RNB total em 2020 (130). Isso está muito abaixo da meta global de 0,7% da RNB necessária para alcançar o desenvolvimento sustentável e bem abaixo do valor de auxílio necessário para fazer frente ao momento atual.

### **Garantia de novo financiamento para a crise na Ucrânia**

A Oxfam faz um apelo aos doadores para que atendam às necessidades da Ucrânia com novos financiamentos adicionais aos orçamentos de ajuda existentes, e celebra os anúncios feitos por vários países doadores para ajudar os refugiados, mas solicita que eles confirmem se esse financiamento será adicional aos orçamentos pré-crise (131). Já se pode ver o impacto da diminuição da ajuda necessária ao combate da crise da Covid-19 e do financiamento para os ODS em alguns países de baixa renda (132).

### **Não gastar o valor da ajuda nos países doadores**

Outra preocupação é que, à medida que os doadores bilaterais fornecem mais apoio aos refugiados da Ucrânia, eles ficarão tentados a contabilizar tais contribuições em seus compromissos de Assistência Oficial ao Desenvolvimento (ODA), possivelmente deslocando os fundos necessários para a resposta aos desafios humanitários e de desenvolvimento, e alocando o valor em outros lugares. Em 2015, quando metade dos refugiados que chegava à Europa vinham da Síria e de outras regiões, os países doadores responderam a essa situação ao contabilizar em média 11% de seus compromissos de ajuda em tal apoio (133).

### **Usar a ajuda para empoderar os beneficiários**

Ao lidar com uma crise humanitária, os doadores não devem redirecionar seus esforços para longe dos mecanismos de ajuda cujos resultados sustentáveis foram comprovados. Fornecer ajuda por meio de apoio direto ao orçamento dos países mais pobres, onde existe capacidade suficiente para responsabilizar os governos, é a melhor maneira de construir capacidade local sustentável e responder às prioridades locais. Tanto a ajuda humanitária quanto a ajuda ao desenvolvimento também devem priorizar o apoio aos atores locais. O recente compromisso da diretora da USAID, Samantha Power, de destinar 25% da ajuda prestada pela agência para parceiros locais, deve ser visto como um exemplo de como os doadores do hemisfério norte devem prestar assistência (134).

### **O FMI e o Banco Mundial devem aumentar o financiamento concessional**

Com o recente reaprovisionamento da AID20, o Banco Mundial deve desembolsar o máximo possível de financiamento de subsídios para países de baixa renda, aprovando esse financiamento para países cujos governos têm gestões eficientes na forma de apoio orçamentário o mais rápido possível. Também deve ativar suas respostas aos períodos de crise e seus fundos e protocolos relacionados à segurança alimentar e à fome. Enquanto isso, o FMI recebeu uma injeção de recursos em seu Fundo para Redução da Pobreza e para o Crescimento (PRGT), com expectativa de receber ainda mais por meio de realocações de SDRs de alguns países. Ele deve reduzir imediatamente o financiamento por meio de programas tradicionais baseados em condicionalidades e aumentar seu financiamento de emergência sem condicionalidades, como fez no início da pandemia, por meio da Linha de Crédito Rápido do PRGT.

## **Tributação da riqueza**

Todos os países, ricos e pobres, devem arrecadar mais receitas públicas de forma progressiva para financiar a proteção social e os serviços necessários no enfrentamento às múltiplas crises e evitar as medidas de austeridade que apenas as agravam.

### **Tributar os ricos e as grandes empresas**

Para evitar cortes de gastos e aumentar a receita tributária de forma progressiva, os governos devem implantar ações fiscais de curto prazo que ajudem a controlar os efeitos da inflação e o dinheiro dos impostos onde ele se encontra: com as pessoas mais ricas, em lucros inesperados de impostos e fortunas escondidas em paraísos fiscais. A riqueza excessiva está corrompendo a política e desestabilizando os países, portanto, tributá-la é bom para a democracia, e não apenas para as finanças governamentais.

A Oxfam solicita a implantação de impostos solidários para financiar tanto o apoio a pessoas que enfrentam despesas crescentes com energia e alimentos, quanto uma recuperação justa. Tais impostos solidários podem assumir a forma de imposto único sobre a riqueza, aumentos temporários dos impostos sobre ganhos de capital ou imposto de renda de pessoa física sobre rendimentos elevados. Além de justos, eles são cada vez mais reconhecidos como uma boa política econômica por organizações como a OCDE e o FMI (135). A Argentina adotou um imposto único sobre a riqueza no ano passado como parte de seu plano de recuperação da Covid-19 e agora está considerando a implementação de um imposto único sobre bilhões de ativos não declarados em paraísos fiscais (136).

- Taxação permanente da riqueza para reequilibrar a tributação do capital e do trabalho. Um imposto patrimonial líquido progressivo de apenas 2% sobre a riqueza pessoal acima de US\$ 5 milhões, aumentando para 3% sobre o patrimônio acima de US\$ 50 milhões e 5% sobre o patrimônio acima de US\$ 1 bilhão poderia gerar US\$ 2,52 trilhões globalmente, o suficiente para tirar 2,3 bilhões de pessoas da pobreza, produzir vacinas contra a COVID19 em quantidade suficiente para o mundo todo e fornecer serviço de saúde universal e proteção social para todos que vivem em países de baixa e média renda (3,6 bilhões de pessoas) (137).
- Regras internacionais mais ambiciosas e mais justas do que o acordo firmado no ano passado pela OCDE (138) para tributar os lucros das grandes empresas multinacionais, a fim de acabar com o abuso dos paraísos fiscais e com a queda desenfreada da tributação sobre grandes empresas.

### **Descobrir patrimônios ocultos**

Para tributar os mais ricos, precisamos saber onde está seu patrimônio. Porém, como os vazamentos recorrentes de informações sobre paraísos fiscais nos ensinaram, os ricos têm à sua disposição um sistema de sigilo financeiro em paraísos fiscais que lhes permite proteger sua riqueza.<sup>139</sup> Estima-se que cerca de 8% da riqueza financeira mundial esteja depositada em paraísos fiscais e, em se tratando da África, esse valor chega a 30% (140). Embora pesquisas mostrem que praticamente ninguém usa paraísos fiscais, exceto os 1% mais ricos, estima-se que os 0,01% mais ricos estejam evadindo cerca de 25% de seus impostos ao esconder seu patrimônio em paraísos fiscais (141). Os efeitos corrosivos de tal riqueza oculta e o sigilo financeiro autorizado por tais paraísos fiscais vão muito além de impostos perdidos e incluem corrupção, lavagem de dinheiro e dominação política por uma elite rica (142). A Oxfam pede:

- Um registro global de bens (143) para divulgar os verdadeiros proprietários de ativos como propriedades, ações, empresas, fundos, entre outros.
- O fim das brechas existentes na troca automática de informações financeiras entre autoridades fiscais; tais informações devem ser acessíveis a todos os países em desenvolvimento.
- A eliminação do uso de empresas-fantasma e o fortalecimento da adoção de um processo eficaz de lista proibida de empresas.

## Acabar com a exploração da crise

Embora tenha destruído muitas pequenas e algumas grandes empresas, a pandemia gerou lucros recordes para algumas grandes corporações, especialmente nas indústrias farmacêutica e de tecnologia da informação (144). Com o aumento dos preços dos alimentos e da energia e vendas recordes de armas, mais empresas devem lucrar com a guerra na Ucrânia. No passado, governos tentaram limitar a especulação com a guerra em algumas ocasiões e agora não deve ser diferente. A OCDE e a União Europeia propuseram aos governos a imposição de impostos extraordinários às empresas de energia que vêm obtendo lucros recordes com a disparada dos preços, a fim de apoiar a população que paga contas de energia cada vez mais caras (145). A Itália é o primeiro país a impor tal imposto extraordinário (146). A Oxfam pede:

- Impostos ambiciosos sobre lucros excessivos para captar os lucros inesperados das grandes corporações em todos os setores. Em setembro de 2020, a Oxfam estimou que tal imposto aplicado sobre apenas 32 grandes empresas super lucrativas poderia ter gerado US\$ 104 bilhões em receitas (147).

## Abandonar a austeridade

Há muitas oportunidades para os governos aumentarem suas receitas progressivamente. No entanto, o FMI vem incentivando ou condicionando a adoção austeras para a maioria dos países aos quais concede empréstimos “quando a crise arrefecer”, desde o início da pandemia (148). Isso ocorreu apesar dos muitos avisos, inclusive do próprio FMI, de que a austeridade corre o risco de prejudicar a recuperação e apesar do fato de que foram anos de austeridade impulsionada pelo FMI que, em grande parte, deixou os governos mal preparados para enfrentar essa pandemia. Ainda com a pandemia ocorrendo, e agora com a crise na Ucrânia agravando a pobreza e a desigualdade, a austeridade pode ser devastadora para os mais vulneráveis. Os governos devem aumentar urgente e sustentavelmente seu espaço fiscal por meio de tributação progressiva. Sendo uma instituição de grande influência, o FMI deve transmitir essa mensagem clara e parar de promover a austeridade.

## 5. A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MAIS JUSTO, MAIS IGUAL E SUSTENTÁVEL

Essas crises múltiplas e convergentes, ou seja, essa “tempestade perfeita”, revelaram a vulnerabilidade até mesmo das nações mais ricas do planeta, demonstrando a completa inadequação do nacionalismo mesquinho. Mostra como a maioria da humanidade vive à beira da miséria, enquanto uma riqueza inimaginável é acumulada por pessoas e corporações mais ricas. Ela expõe os danos causados por décadas de degradação da capacidade do Estado. Mostra como as desigualdades profundas e crescentes acabam com nossa capacidade de enfrentar ameaças.

As ações de solidariedade econômica global no início da crise da Covid-19 tomadas pelo G20, apesar de limitadas, mostraram que a ação coletiva diante de uma ameaça compartilhada era possível.

Tal ação, além de insuficiente, foi completamente minada pelo nacionalismo míope das nações ricas que protegem os lucros astronômicos de suas corporações farmacêuticas, apesar dos enormes custos econômicos e humanos gerados para suas próprias populações.

Não precisa ser assim. Podemos reconstruir um mundo melhor. Um mundo mais justo. Um mundo mais sustentável. Um mundo que reduza radicalmente a disparidade entre ricos e pobres. Em que não ponhamos em risco a vida dos nossos filhos e das gerações futuras. Em que os mais ricos paguem a sua justa contribuição a fim de ajudar com soluções coletivas para os desafios da humanidade. Em que os governos sejam responsabilizados por suas populações. É claro que isso deve significar saúde e educação universais para todos e proteção social universal. Porém, além disso, também deve nos permitir agir para impedir o colapso climático

antes que seja tarde demais. Juntos podemos tirar lições desta crise sem precedentes, para construir uma economia mais humana e um mundo mais justo.

O G20, o FMI e o Banco Mundial vão se reunir nas próximas duas semanas. Em meio a circunstâncias políticas excepcionalmente desafiadoras, é urgente que seus líderes assumam a responsabilidade de promover ações com o objetivo de evitar que bilhões de pessoas vivam uma catástrofe. Eles têm a oportunidade de concluir o trabalho que começaram no início deste período de crise. As nações ricas têm a oportunidade de compensar seu completo fracasso em enfrentar os desafios de nossos tempos, redobrar seus esforços para tomar as medidas drásticas necessárias para enfrentar a calamidade financeira e humana que ocorre em todas as nações. E devem fazer isso para o bem de todos nós.

## NOTAS

- 1 Ver mais detalhes nas notas 33 – 37 abaixo
  - 2 Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam.  
<https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
  - 3 O número de 3.338 milhões é estimado pelo Banco Mundial, projetando impacto da COVID-19 e o aumento de 2% na desigualdade. O aumento dos preços dos alimentos não é levado em consideração nesta projeção.
  - 4 FAO Food Price Index | World Food Situation | Food and Agriculture Organization of the United Nations [4 Índice de Preços de Alimentos da FAO | Situação Alimentar Mundial | Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação]  
<https://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/>
  - 5 Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam. [A Desigualdade Mata, Nota Metodológica. Oxfam.]  
<https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
  - 6 [https://csimarket.com/Industry/industry\\_Profitability\\_Ratios.php?s=600](https://csimarket.com/Industry/industry_Profitability_Ratios.php?s=600)
  - 7 <https://www.accountable.us/news/report-oil-giants-post-eye-popping-205-billion-record-profits/>
  - 8 <https://www.ishares.com/us/products/239652/ishares-msci-global-agriculture-producersetf#chartDialog>
  - 9 <https://www.fao.org/3/cb9013en/cb9013en.pdf>
  - 10 War-Fueled Surge in Food Prices to Hit Poorer Nations Hardest – IMF Blog [10 Aumento dos preços dos alimentos impulsionado pela guerra atingirá mais as nações mais pobres – Blog do FMI]  
[https://blogs.imf.org/2022/03/16/war-fueled-surge-in-food-prices-to-hit-poorer-nationshardest/?utm\\_medium=email&utm\\_source=govdelivery](https://blogs.imf.org/2022/03/16/war-fueled-surge-in-food-prices-to-hit-poorer-nationshardest/?utm_medium=email&utm_source=govdelivery)
  - 11 Em 2020, as famílias estadunidenses no quintil de renda mais baixo gastaram uma média de US\$ 4.099 em alimentos (ou seja, 27% da sua renda), enquanto as famílias no quintil de renda mais alto gastaram uma média de US\$ 12.245 em alimentos (7% da renda).  
<https://www.ers.usda.gov/data-products/chart-gallery/gallery/chart-detail/?chartId=58372>
  - 12 <https://www.bmj.com/content/361/bmj.k2238>
  - 13 *A Nordic Solution to the New Debt Crisis* [13 Uma Solução Nórdica para a Nova Crise da Dívida], Matthew Martin para Norwegian Church Aid, no prelo.
  - 14 <https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/2022-03/Pandemic%20of%20greed-Oxfam%20media%20briefing-March2022.pdf>
  - 15 <https://unctad.org/topic/least-developed-countries/chart-march-2022>
  - 16 FAO estimated food import bills for all LDCs in 2021 to be \$46 billion [Estimativa da FAO para contas de importação de alimentos de todos os PMDs em 2021 é de US\$ 46 bilhões]:  
[https://www.fao.org/3/cb4479en/cb4479en\\_food\\_import.pdf](https://www.fao.org/3/cb4479en/cb4479en_food_import.pdf)
- Public spending on health care in Low-Income Countries and Lower-Middle-Income Countries was \$44 billion in 2019 [As despesas públicas com saúde em países de baixa renda e países de renda média-baixa foi de US\$ 44 bilhões em 2019]: <https://data.worldbank.org/indicator/SH.XPD.GHED.PC.CD>
- 17 *A Nordic Solution to the New Debt Crisis*, Matthew Martin for Norwegian Church Aid, forthcoming.
  - 18 <https://www.cnn.com/2022/03/16/federal-reserve-meeting.html>
  - 19 <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621210/bp-covid-loans-imfausterity-110821-en.pdf?sequence=1>

- 20 Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam.  
<https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
- 21 <https://www.oxfam.org/en/research/working-many>
- 22 [https://unctad.org/system/files/official-document/tdr2021-update1\\_en.pdf](https://unctad.org/system/files/official-document/tdr2021-update1_en.pdf)
- 23 <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2021/06/world-needs-prepare-next-crisis-settingglobal-fund-social-protection-now-un?LangID=E&NewsID=27239>
- 24 <https://www.oxfam.org/en/press-releases/over-100-millionaires-call-wealth-taxes-richesraise-revenue-could-lift-billions>
- 25 <https://www.icrict.com/press-release/2019/3/25/icrictnew-paper-a-roadmap-for-a-global-assetregistry-measuring-and-tackling-inequality-curbing-tax-avoidance-tax-evasion-corruptionand-illicit-financial-flows>
- 26 <https://news.bloombergtax.com/daily-tax-report/windfall-tax-to-ease-impact-of-power-pricesurge-oecd> & <https://www.oxfam.org/en/press-releases/eu-proposal-tax-excess-profitsmuch-needed-and-should-not-be-limited-only-energy>
- 27 <https://fts.unocha.org/>
- 28 <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620982/bp-coronavirus-aid060520-en.pdf>
- 29 Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam.  
<https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
- 30 FAO Food Price Index | World Food Situation | Food and Agriculture Organization of the United Nations <https://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/>
- 31 <https://www.oxfam.org/en/research/inequality-virus>
- 32 <https://www.oxfam.org/en/research/inequality-virus> e <https://www.oxfam.org/en/research/inequality-kills>
- 33 A diferença da contabilização da população vivendo na pobreza antes e depois da pandemia de Covid-19 em relação a 2022 reflete o crescimento econômico cumulativo reduzido em 2020, 2021 e 2022 em comparação com as projeções pré-pandemia. O cálculo de pessoas no cenário “pós-Covid com aumento da desigualdade” baseia-se neste último e, além disso, pressupõe o aumento de 2% no coeficiente Gini de desigualdade de renda em todos os países. Acredita-se que a pandemia tenha acentuado a desigualdade na maior parte dos países, mas os dados ainda não há dados disponíveis para a maioria deles.
- 34 Tomamos como base Ivanic et al. (2011), que usaram microdados internos para calcular o impacto do aumento de 37% no preço de 38 commodities agrícolas entre junho de 2010 (última baixa do mercado) e dezembro de 2010 (último ponto de dados disponível no momento do estudo, mas o mercado atingiu o pico somente em março de 2011) sobre o consumo das famílias e a produção dessas commodities em 28 países de baixa e média renda. Eles derivaram mudanças em nível nacional nos números da pobreza e extrapolaram os resultados para todos os países de baixa e média renda. O estudo demonstrou que 44 milhões de pessoas caíram na pobreza extrema por causa da alta nos preços dos alimentos. Ivanic et al. (2011) descobriram que o principal fator da diferença entre esse resultado e seu estudo anterior sobre o aumento dos preços dos alimentos, realizado em 2008, foi a intensidade do aumento. Assim como a CGD (<https://www.cgdev.org/blog/price-spike-causedukraine-war-will-push-over-40-million-poverty-how-should-we-respond>), a Oxfam simplesmente colocou em escala o resultado de 2011 para considerar a diferente intensidade do aumento de preços de 2022. Usamos um aumento de preço de 54% entre maio de 2020 (última baixa do mercado) e fevereiro de 2022 (últimos dados disponíveis) no índice de preços de alimentos da FAO (<https://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/>). Multiplicando-se 44 milhões por 54/37, tem-se 65 milhões. Trata-se de uma estimativa muito aproximada, considerando que muitas outras coisas mudaram desde 2011:
- 1) A população que estava um pouco acima da linha de pobreza, de \$ 1,25 em 2010 (e, portanto, suscetível a cair para abaixo dela por causa do aumento do preço dos alimentos) não é a mesma (em termos de número, país e outras características) que estava logo acima da linha de

pobreza de US\$ 1,90 no início do aumento de preços de 2022 (apesar de as duas linhas de pobreza estarem próximas, após a contabilização da inflação). Essas pessoas têm, portanto, padrões de consumo e produção diferentes, e o impacto de um determinado aumento de preço de alimentos as afeta de maneira diferente.

- 2) Adotamos o índice global de preços de alimentos da FAO, incluindo todos os grupos alimentares, versus os preços locais de 38 commodities em Ivanic et al. (2011). Assim, observamos um aumento de preço de 35% em 2010 versus o aumento de 37% indicado em Ivanic et al. (2011). Mesmo se tivéssemos usado as mesmas 38 commodities, o mix de aumentos de preços dessas commodities pode ser diferente em 2022 e em 2010 (por exemplo, maior impacto em culturas exportadas pela Rússia e Ucrânia como trigo e cevada, menor impacto em outras culturas). Portanto, o impacto sobre a pobreza também pode ser diferente.

<sup>35</sup> Alemanha 83 milhões, França 67 milhões, Reino Unido 67 milhões, Espanha 47 milhões, totalizando 267 milhões. <https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL>

<sup>36</sup> Ver duas notas de rodapé acima. Covid-19 e projeções de desigualdade de 2% do Banco Mundial. Impactos dos preços dos alimentos calculados pela Oxfam conforme nota de rodapé acima.

<sup>37</sup> O número de 3.338 milhões é estimado pelo Banco Mundial, projetando impacto da COVID-19 e o aumento de 2% na desigualdade. O aumento dos preços dos alimentos não é levado em consideração nesta projeção.

<sup>38</sup> <https://reliefweb.int/report/world/tough-urgent-choices-african-leaders-they-launch-year-nutrition-help-millions-people>

<sup>39</sup> <https://reliefweb.int/report/sudan/hunger-and-poverty-drive-children-out-schools>

<sup>40</sup> <https://www.bmj.com/content/361/bmj.k2238>

<sup>41</sup> Aumento dos preços dos alimentos impulsionado pela guerra atingirá mais as nações mais pobres – Blog do FMI

<sup>42</sup> Em 2020, as famílias estadunidenses no quintil de renda mais baixo gastaram uma média de US\$ 4.099 em alimentos (ou seja, 27% da sua renda), enquanto as famílias no quintil de renda mais alto gastaram uma média de US\$ 12.245 em alimentos (7% da renda). <https://www.ers.usda.gov/data-products/chart-gallery/gallery/chart-detail/?chartId=58372>

<sup>43</sup> <https://documents1.worldbank.org/curated/en/998081468003944551/pdf/WPS7112.pdf>

<sup>44</sup> SA <https://www.ers.usda.gov/data-products/chart-gallery/gallery/chart-detail/?chartId=58372>, Moçambique <https://documents1.worldbank.org/curated/en/998081468003944551/pdf/WPS7112.pdf>, Peru <https://iris.paho.org/handle/10665.2/34500>

<sup>45</sup> <https://theconversation.com/inflation-inequality-poorest-americans-are-hit-hardest-by-soaring-prices-on-necessities-174853>

<sup>46</sup> A FAO disse em 2021: Estima-se que entre 720 e 811 milhões de pessoas no mundo passarão fome em 2020. Considerando o meio da variação projetada (768 milhões), cerca de 118 milhões de pessoas a mais passaram fome em 2020, em comparação a 2019 – ou até 161 milhões a mais, considerando o limite superior da variação (consulte: [https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/SOFI2021\\_Report\\_EN\\_FINAL\\_1\\_compressed.pdf](https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/SOFI2021_Report_EN_FINAL_1_compressed.pdf) f) ]

<sup>47</sup> Nota informativa - A importância da Ucrânia e da Federação Russa para os mercados agrícolas globais e os riscos associados ao conflito atual (fao.org) <https://www.fao.org/3/cb9013en/cb9013en.pdf>

<sup>48</sup> <https://www.fao.org/3/cb9013en/cb9013en.pdf>

<sup>49</sup> <https://www.ilo.org/global/research/global-reports/global-wage-report/2020/lang-en/index.htm> <sup>50</sup> <https://www.oxfamamerica.org/press/amid-record-inflation-new-oxfam-research-finds-more-than-50-million-us-workers-earn-less-than-15-per-hour/>

<sup>51</sup> <https://www.oxfam.org/en/research/pandemic-greed#:~:text=Inequality%20has%20actively%20prolonged%20the,greed%2C%20and%20self%20interest.>

- 52 *A Nordic Solution to the New Debt Crisis*, Matthew Martin for Norwegian Church Aid, forthcoming.
- 53 <https://unctad.org/topic/least-developed-countries/chart-march-2022>
- 54 FAO estimated food import bills for all LDCs in 2021 to be \$46 billion: [https://www.fao.org/3/cb4479en/cb4479en\\_food\\_import.pdf](https://www.fao.org/3/cb4479en/cb4479en_food_import.pdf)
- O gasto público com saúde em países de baixa renda e países de renda média-baixa foi de US\$ 44 bilhões em 2019: <https://data.worldbank.org/indicator/SH.XPD.GHED.PC.CD>
- 55 *A Nordic Solution to the New Debt Crisis*, Matthew Martin for Norwegian Church Aid, forthcoming.
- 56 [https://unctad.org/system/files/official-document/tdr2021-update1\\_en.pdf](https://unctad.org/system/files/official-document/tdr2021-update1_en.pdf)
- 57 <https://www.reuters.com/world/africa/egyptian-pound-drops-10-after-ukraine-war-prompts-dollar-flight-2022-03-21/>
- 58 <https://www.imf.org/en/Publications/CR/Issues/2021/02/26/Tunisia-2020-Article-IV-Consultation-Press-Release-Staff-Report-and-Statement-by-the-50128>
- 59 <https://www.reuters.com/world/africa/economic-pain-threatens-social-political-chaos-tunisia2022-02-02/>
- 60 <https://www.fitchratings.com/research/sovereigns/fitch-downgrades-tunisia-to-ccc-18-03-2022>
- 61 <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621210/bp-Covid-loans-imfausterity-110821-en.pdf?sequence=1>
- 62 <https://policydialogue.org/publications/working-papers/global-austerity-alert-looming-budgetcuts-in-2021-25-and-alternative-pathways/>
- 63 <https://www.oxfam.org/en/research/working-many>
- 64 <https://www.oxfam.org/en/research/power-profits-and-pandemic>
- 65 <https://www.spglobal.com/spdji/en/indices/equity/sp-global-1200/#overview>
- 66 <https://americansfortaxfairness.org/tax-fairness-briefing-booklet/fact-sheet-corporate-taxrates/>
- 67 <https://www.janushenderson.com/en-gb/investor/jh-global-dividend-index/>
- 68 *Ibid.*
- 69 <https://www.oxfam.org/en/press-releases/oecd-tax-deal-mockery-fairness-oxfam>
- 70 <https://peoplesaction.org/wp-content/uploads/2021/09/Behind-the-Curtain-final.pdf>;
- 71 <https://www.cnn.com/2022/02/03/build-back-better-ex-joe-manchin-aides-lobbied-his-officecongress-on-bill.html>
- 72 <https://thehill.com/business-a-lobbying/535957-business-groups-prepare-for-lobbying-effort-against-raising-the-minimum>
- 73 <https://www.oxfam.org/en/research/pandemic-greed>
- <https://unctad.org/news/integrating-smes-value-chains-can-boost-development>
- 74 <https://about.fb.com/news/2021/09/state-of-small-business-recovery/>
- 75 <https://about.fb.com/news/2021/04/latest-state-of-small-business-report/>
- 76 <https://www.politico.com/news/2020/12/04/bailout-big-firms-small-business-relief-442837>
- 77 <https://www.accountable.us/news/report-oil-giants-post-eye-popping-205-billion-record-profits/>
- 78 <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-03-15/oil-and-gas-share-buybacks-boomed-before-energy-prices-hit-highs>

- 79 <https://www.cnbc.com/2021/10/18/the-wealthiest-10percent-of-americans-own-a-record89percent-of-all-us-stocks.html>
- 80 [https://csimarket.com/Industry/industry\\_Profitability\\_Ratios.php?s=600](https://csimarket.com/Industry/industry_Profitability_Ratios.php?s=600)
- 81 <https://fortune.com/2022/02/19/inflation-profits-prices-companies-pandemic/>
- 82 <https://www.winsightgrocerybusiness.com/retailers/groceries-will-cost-14-more-year-kpmgsurvey-reveals>
- 83 <https://www.ishares.com/us/products/239652/ishares-msci-global-agriculture-producersetf#chartDialog>
- 84 UBS Global Family Office. (2020). *Riding the Storm: Market turbulence accelerates diverging fortunes*. Billionaires Report 2020. <https://www.ubs.com/global/en/global-familyoffice/reports/billionaires-insights-2020.html>
- 85 <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
- 86 Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam. <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
- 87 Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam. <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
- 88 Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam. <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621341/tb-inequality-killsmethodology-note-170122-en.pdf>
- 89 Fundo Monetário Internacional (FMI). (2021). *Monitor Fiscal abril de 2021: A Fair Shot [Uma chance justa]*. <https://www.imf.org/en/Publications/FM/Issues/2021/03/29/fiscal-monitor-april2021#Full%20Report>
- 90 [Inequality Kills, Methodology Note. Oxfam. Ver download à parte na página para acessar esta publicação.]
- 91 <https://www.ft.com/content/747a76dd-f018-4d0d-a9f3-4069bf2f5a93>
- 92 E. Wolff-Mann. (2021). *Super rich's wealth concentration surpasses Gilded Age levels* [A concentração de riqueza dos super-ricos supera os níveis da Era Dourada]. Yahoo Finance. <https://finance.yahoo.com/news/super-richs-wealth-concentration-surpasses-gildedage-levels-210802327.html>
- 93 <https://www.forbes.com/real-time-billionaires/> Último acesso em 1º de dezembro de 2021.
- 94 J. Hirsch. (2015). *Elon Musk's growing empire is fueled by \$4.9 billion in government subsidies* [O crescente império de Elon Musk recebe US\$ 4,9 bilhões em subsídios do governo]. *Los Angeles Times*. <https://www.latimes.com/business/la-fi-hy-musk-subsidies-20150531story.html>
- 95 A.F. Campbell. (2019). *Elon Musk broke US labor laws on Twitter* [Elon Musk infringiu leis trabalhistas dos EUA no Twitter]. Vox. <https://www.vox.com/identities/2019/9/30/20891314/elon-musk-tesla-labor-violation-nlrb>
- 96 J. Eisinger, J. Ernsthausen, and P. Kiel. (2021). *The Secret IRS Files: Trove of Never-Before-Seen Records Reveal How the Wealthiest Avoid Income Tax* [Os arquivos secretos da IRS: tesouro nunca antes vistos - registros revelam como os mais ricos evitam o imposto de renda]. ProPublica. <https://www.propublica.org/article/the-secret-irs-files-trove-of-never-before-seen-records-reveal-how-the-wealthiest-avoid-income-tax>
- 97 *Ibid.*
- 98 S. Mellor. (2021). *Elon Musk to Congress: Drop the billionaire tax. It will only mess with 'my plan to get humanity to Mars'* [Elon Musk ao Congresso: Deixem de lado o imposto bilionário. Só irá estragar

com 'meus planos de levar a humanidade a Marte']. *Forbes* <https://fortune.com/2021/10/28/elon-musk-biden-richlist-billionaire-tax-tesla-mars/>

<sup>99</sup> Forbes. (2021). #24: *Gautam Adani & family*. <https://www.forbes.com/profile/gautam-adani1/?listuri=rtb&sh=4fe17add5b0e>

<sup>100</sup> A. Marsh. (2021). *Adani Boosting Coal Assets Despite Vow to Be Carbon Neutral* [Adani impulsiona ativos de carvão apesar da promessa de ser neutro em carbono]. Bloomberg Green. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2021-07-12/adani-boosting-coal-assetsdespite-pledge-to-turn-carbon-neutral>

<sup>101</sup> S. Findlay and H. Lockett. (2020). 'Modi's Rockefeller': *Gautam Adani and the concentration of power in India* ['Modi's Rockefeller': Gautam Adani e a concentração de poder na Índia]. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/474706d6-1243-4f1e-b365891d4c5d528b>

<sup>102</sup> Entre as reformas necessárias estão:

Garantir o trabalho decente, proteger os direitos humanos, oferecer proteção social, limitar pagamentos a acionistas, acabar com o abuso dos paraísos fiscais e garantir que as empresas façam sua contribuição justa por meio de impostos, limitar a remuneração dos CEOs, impulsionar a sustentabilidade nas cadeias de suprimentos, priorizar a crise climática e promover uma recuperação verde, democratizar a propriedade corporativa, incorporar a justiça de gênero e racial na governança corporativa, exigir maior transparência sobre os riscos aos direitos humanos, relatórios fiscais e financeiros e pegadas de carbono, apoiar a negociação coletiva, limitar a influência política corporativa, acabar com monopólios corporativos e promover a concorrência livre e aberta. Para acessar todas as recomendações, consulte *Power, Profits and the Pandemic* [Poder, lucros e a pandemia] <https://www.oxfam.org/en/research/power-profits-andpandemic>

<sup>103</sup> <https://www.ilo.org/global/research/global-reports/world-social-security-report/2020-22/lang-en/index.htm>

<sup>104</sup> <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/33635>

<sup>105</sup> [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed\\_protect/--soc\\_sec/documents/publication/wcms\\_758705.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/--soc_sec/documents/publication/wcms_758705.pdf)

[https://www.ilo.org/secsoc/information-resources/publications-andtools/Workingpapers/WCMS\\_729111/lang--en/index.htm](https://www.ilo.org/secsoc/information-resources/publications-andtools/Workingpapers/WCMS_729111/lang--en/index.htm)

<sup>106</sup> [https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS\\_794834/lang--en/index.htm](https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_794834/lang--en/index.htm)

<sup>107</sup> <https://www.socialprotectionfloorscoalition.org/>

<https://www.oxfam.org/en/research/shelter-storm-global-need-universal-social-protection-timesCovid-19> [https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS\\_821167/lang--en/index.htm](https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_821167/lang--en/index.htm)

<sup>108</sup> Programas que disponibilizam quantidades fixas a preços predeterminados, como os programas de racionamento de alimentos do Egito, Índia, Sri Lanka (até o final da década de 1970) e Bangladesh, têm sido particularmente eficazes em garantir o acesso das famílias – especialmente as urbanas – a alimentos básicos. Consumidores de baixa renda passaram a adquirir e consumir mais alimentos por conta dos subsídios alimentares. Por exemplo, aumentos de 15 a 18 por cento no consumo de energia foram estimados para Kerala, Índia e áreas urbanas de Bangladesh.

<sup>109</sup> <https://www.worldbank.org/en/news/speech/2022/01/11/opening-remarks-by-world-bankgroup-president-david-malpass-during-the-launch-of-the-january-2022-global-economicprospe>

<sup>110</sup> IMF lending in response to Covid crisis: \$170bn [Empréstimos do FMI em resposta à crise da Covid: US\$ 170 bi]. <https://www.imf.org/en/Topics/imf-andCovid-19/COVID-Lending-Tracker>

WB lending in response to Covid crisis: \$157bn (including \$50bn of concessional loans) [Empréstimos do Banco Mundial em resposta à crise da Covid: US\$ 157 bi (incluindo US\$ 50 bi em empréstimos concessionais)]. <https://www.worldbank.org/en/about/what-we-do/brief/world-bank-group-operationalresponse-Covid-19-coronavirus-projects-list>

Increase in grant-equivalent aid from all donors from 2019 to 2020: \$6bn [Aumento na ajuda equivalente a doações de todos os doadores entre 2019 e 2020: US\$ 6 bi].

<https://www.oecd.org/dac/financing-sustainable-development/development-financedata/ODA-2020-detailed-summary.pdf>

- 111 <https://www.worldbank.org/en/topic/debt/brief/Covid-19-debt-service-suspension-initiative>
- 112 <https://www.cgdev.org/blog/fix-common-framework-debt-it-too-late>
- 113 <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2022/02/15/greater-transparency-on-hidden-and-distressed-debt-can-reduce-global-financial-risks-and-support-recovery>
- 114 Banco de dados de Estatísticas da Dívida Internacional do Banco Mundial, <https://www.worldbank.org/en/programs/debt-statistics/ids>
- 115 *A Nordic Solution to the New Debt Crisis*, Matthew Martin for Norwegian Church Aid, forthcoming.
- 116 <https://www.cgdev.org/blog/fix-common-framework-debt-it-too-late>
- 117 <https://voxeu.org/article/imf-surcharges-lose-lose-policy-global-recovery>
- 118 <https://www.brettonwoodsproject.org/2020/08/world-banks-rating-obsession-will-negate-debtjustice/>
- 119 [https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/pb\\_131\\_final.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/pb_131_final.pdf)
- 120 : <https://www.one.org/africa/issues/Covid-19-tracker/explore-sdrs/>
- 121 <https://cepr.net/eighty-countries-have-already-used-their-special-drawing-rights-but-more-are-needed/>
- 122 Cálculos da Oxfam com base no preço do ouro em 31 de março de 2022 de US\$ 1.947/onça [cerca de 28 gramas] e FMI segurando 90,5 onças [cerca de 2,5 kg] de ouro.
- 123 <https://www.oxfam.org/en/blogs/virus-austerity-Covid-19-spending-accountability-and-recovery-measures-agreed-between-imf-and>
- 124 <https://www.oxfam.org/en/press-releases/imfs-gold-holdings-soar-nearly-20-billion-start-coronavirus-pandemic>
- 125 <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621210/bp-Covid-loans-imfausterity-110821-en.pdf?sequence=1>
- 126 <https://www.oxfam.org/en/research/catastrophe-catalyst>
- 127 <https://fts.unocha.org/>
- 128 <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620982/bp-coronavirus-aid060520-en.pdf>
- 129 <https://www.oecd.org/newsroom/Covid-19-spending-helped-to-lift-foreign-aid-to-an-all-time-high-in-2020-but-more-effort-needed.htm>

Em meio à generosa manifestação pública de apoio na Europa e além, a Oxfam aplaude os Estados Unidos, a Espanha, a Holanda e a França por novos financiamentos para apoiar os refugiados da Ucrânia e pede que confirmem publicamente que tais contribuições serão adicionais aos seus demais recursos humanitários e rubricas orçamentárias de acolhimento a refugiados. A Itália disse que reembolsará os 110 milhões de euros alocados de seu orçamento de ajuda existente para refugiados da Ucrânia, mas nenhum compromisso oficial foi feito ainda. O governo do Reino Unido atendeu a um apelo público com £ 25 milhões – a maior doação já feita pelo país – e abriu um programa para reembolsar famílias que se oferecerem para abrigar refugiados ucranianos. Os doadores nórdicos prometeram 300 milhões de euros para a Ucrânia – a maior parte oferecido Noruega – mas se a contribuição da Noruega não for adicional, irá cobrir quase 40% do orçamento total de ajuda humanitária da Noruega e levará a reduções drásticas em outros lugares. A Suécia alocou novos fundos, mas teme-se que seu orçamento de ajuda possa ser “ajustado” antecipadamente, em vez de ter recursos adicionais. A Dinamarca confirmou que seu apoio sairá de seu atual orçamento de ajuda e o Ministro do Desenvolvimento do país alertou sobre “algumas escolhas difíceis e repriorização” – provavelmente atrasando ou cancelando outros programas de resposta à crise.

- 130 A Oxfam sabe que a UE reduziu em mais de metade o seu financiamento humanitário para o Timor-Leste, por exemplo, e que alguns doadores indicaram que irão reduzir a sua APD a Burkina Faso em 70%, e outros países da África Ocidental estão recebendo notícias semelhantes. Doadores alemães

indicaram que não podem deliberar sobre propostas de financiamento pendentes até que decisões sobre a Ucrânia sejam tomadas, o que coloca em risco a assistência humanitária em outras partes do mundo.

131 <https://www.oecd.org/development/development-aid-stable-in-2017-with-more-sent-topoorest-countries.htm>

132 <https://www.devex.com/news/usaid-chief-samantha-power-details-localization-push-102256#:~:text=U.S.%20Agency%20for%20International%20Development%20Administrator%20Samantha%20Power%20made%20the,and%20organizations%20in%20the%20effort.>

133 <https://www.oecd.org/tax/oecd-tax-talks-presentation-may-2020.pdf>

<https://www.ft.com/content/5dad2390-8a32-4908-8c96-6d23cd037c38>

134 <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-55199058> e <https://batimes.com.ar/news/economy/frente-de-todos-senators-eye-bill-to-tax-undeclaredassets-held-overseas.phtml>

135 <https://www.oxfam.org/en/press-releases/over-100-millionaires-call-wealth-taxes-richestraise-revenue-could-lift-billions>

136 <https://www.oxfam.org/fr/node/18043>

137 <https://inequality.org/great-divide/oligarchy/>

138 G. Zucman (2013). *The hidden wealth of nations – The scourge of tax havens*. The University of Chicago Press. p.53

139 <https://gabriel-zucman.eu/files/AJZ2019.pdf>

140 [\[ssl.webflow.com/5e0bd9edab846816e263d633/602e91032a209d0601ed4a2c\\\_FACTI\\\_Panel\\\_Report.pdf\]\(ssl.webflow.com/5e0bd9edab846816e263d633/602e91032a209d0601ed4a2c\_FACTI\_Panel\_Report.pdf\)](https://uploads-</a></p></div><div data-bbox=)

141 <https://www.icrict.com/press-release/2019/3/25/icrictnew-paper-a-roadmap-for-a-globalasset-registry-measuring-and-tackling-inequality-curbing-tax-avoidance-tax-evasioncorruption-and-illicit-financial-flows>

142 <https://www.oxfam.org/fr/node/13556>

143 <https://news.bloombergtax.com/daily-tax-report/windfall-tax-to-ease-impact-of-power-pricesurge-oecd> & <https://www.oxfam.org/en/press-releases/eu-proposal-tax-excess-profitsmuch-needed-and-should-not-be-limited-only-energy>

144 <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-03-19/italy-to-hit-energy-companies-with-10levy-to-fund-support-plan>

145 <https://www.oxfamamerica.org/explore/research-publications/power-profits-and-pandemiccorporate-extraction-few-economy-works-all/>

146 <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621210/bp-Covid-loans-imfausterity-110821-en.pdf?sequence=1>

## OXFAM

Oxfam é uma confederação internacional composta por uma rede de 20 organizações interligadas presente em mais de 90 países, parte de um movimento mundial pela mudança, para construir um futuro sem a injustiça da pobreza. Para mais informações, favor, entre em contato com uma de nossas agências ou visite o nosso site [www.oxfam.org](http://www.oxfam.org).

Oxfam América

([www.oxfamamerica.org](http://www.oxfamamerica.org))

Oxfam Austrália ([www.oxfam.org.au](http://www.oxfam.org.au))

Oxfam-in-Bélgica ([www.oxfamsol.be](http://www.oxfamsol.be))

Oxfam Brasil ([www.oxfam.org.br](http://www.oxfam.org.br))

Oxfam Canadá ([www.oxfam.ca](http://www.oxfam.ca))

Oxfam França ([www.oxfamfrance.org](http://www.oxfamfrance.org))

Oxfam Alemanha ([www.oxfam.de](http://www.oxfam.de))

Oxfam Grã-Bretanha

([www.oxfam.org.uk](http://www.oxfam.org.uk))

Oxfam Hong Kong ([www.oxfam.org.hk](http://www.oxfam.org.hk))

Oxfam IBIS (Dinamarca)

([www.oxfamibis.dk](http://www.oxfamibis.dk))

Oxfam Índia ([www.oxfamindia.org](http://www.oxfamindia.org))

Oxfam Intermón (Espanha)

([www.oxfamintermon.org](http://www.oxfamintermon.org))

Oxfam Ireland ([www.oxfamireland.org](http://www.oxfamireland.org))

Oxfam Itália ([www.oxfamitalia.org](http://www.oxfamitalia.org))

Oxfam México ([www.oxfammexico.org](http://www.oxfammexico.org))

Oxfam Nova Zelândia

([www.oxfam.org.nz](http://www.oxfam.org.nz))

Oxfam Novib (Holanda)

([www.oxfamnovib.nl](http://www.oxfamnovib.nl))

Oxfam Québec ([www.oxfam.qc.ca](http://www.oxfam.qc.ca))

Oxfam África do Sul

([www.oxfam.org.za](http://www.oxfam.org.za))

KEDV ([www.kedv.org.tr/](http://www.kedv.org.tr/))